

CONTEM PORANEA



(Tarsila do Amaral: «Quadros»)

PORTUGAL — BRASÍL
IBERO — AMERICANISMO
A R T E

3.^A SERIE
N.º 2

Opinião da Imprensa sôbre o 1.º número da 3.ª série da CONTEMPORANEA



REAPARECEU hoje a *Contemporanea*, admirável tentativa de arte e de literatura modernas, que se deve, sobretudo, ao seu director, o architecto José Pacheco.

O n.º 1, da 3.ª série publica, além de variada e brilhante colaboração, três gravuras, indicando os erros de colocação dos ladrilhos dos tão discutidos painéis.

DIÁRIO DE LISBOA, 13-5-926.



ACABA de publicar-se o 1.º numero da 3.ª série da revista *Contemporanea*, que se propõe defender a politica de aproximação ibero americana. Apresenta-se com o mesmo aspecto artistico e original dos numeros anteriores e traz valiosa colaboração literária e artística, como se vê pelo seguinte sumário:

«Hora decisiva», por Peres Trancoso, antigo ministro, official da Armada; «Breve comentário á politica ibero-americana», por Celestino Soares, Governador Civil de Portalegre; Dois sonetos inéditos, de Camilo Pessanha; «A união ibero-americana», por Noé de Azevedo, advogado brasileiro; «Hora de sol», por Fernanda de Castro; «Gravura em madeira», por Francisco Franco; «El inferno inocente», por Eduino de Móra, Secretario da Legação de Cuba; «Carte-postale», por Gil Vaz; Uma carta de José Luciano de Castro; Retrato, por Eduardo Malta; «Camilo Pessanha», por João de Castro Osório, Advogado; Desenho, por Paim; «Apoteose», por Carlos Queiroz; «A experiencia e o juizo, segundo Francisco Sanches», por Luís de Castro e Almeida Norton de Matos, Advogado; «A côr dos sons», por Judite Teixeira; «O menino de sua mãe», por Fernando Pessoa; Verdadeira disposição dos discutidos painéis do Museu de Arte Antiga — Esquema geometrico comprovativo da verdadeira disposição — Perspectiva dos ladrilhos reveladora do desacerto e acerto das respectivas tábuas.

A *Contemporanea*, que continua sendo dirigida por José Pacheco, mantém, na nova fase, o seu lugar de destaque entre as melhores publicações portuguesas da sua indole.

O SECULO, 14-5-926



COM a magnificência gráfica, que lhe conquistara tão avultante renome no nosso meio literário, reapareceu, com o 1.º numero da 3.ª série, esta bela revista «feita expressamente para gente civilizada», «feita expressamente para civilizar gente». Dirige-a ainda o sr. José Pacheco, e colaboram nas suas paginas alguns escritores de mente e metodo, se-não renovadores, pelo menos inovadores na bisarria da forma do conceito.

A colaboração gráfica e interessante é esplendidamente executada.

De toda ella, porém, ha a salientar as três magnificas e concludentes estampas, em «couché», dos painéis de S. Vicente ou do Infante Santo.

A séde da *Contemporanea* é na travessa do Fala-Só, 24 — Lisboa.

A EPOCA, 16-5-926



ACOLHEMOS com intenso jubilo e o mais fervoroso entusiasmo o reaparecimento da admirável revista *Contemporanea*. Má prova dará o país da sua mentalidade artística e a sociedade portuguesa do seu grau de cultura e civilização, se regatear a tão brilhante iniciativa o seu auxilio moral e material.

Entre nós, as publicações dispendiosas lutam com o tremendo flagelo das tiragens limitadas — e raro conseguem transpôr tão respeitavel obstáculo. Dentro da acanhada relativa do meio e em face do confuso desorientamento duma produção excessiva e nem sempre superior, o espirito de iniciativa, ainda quando desempoeirado e nobre, sente se preso e algemado pela tirania da estreiteza do ambiente — e sucumbe, mais tarde ou mais cedo, com uma ilusão de perda e um desanimo de acresceto. E' a absorção do pensamento progressivo pelos tentáculos retrógrados das ideias locais; a paralização do desenvolvimento criacional pela inércia desconcer ante dos que não pretendem evoluir; a conquista de presas incautas e proporcionadamente fraca pelo polydum escol cujas doutrinas, um dia empenadas, difficilmente se dispõem a abandonar o criterio que lhes assiste.

Quando, portanto, um grupo de novos, como este a que preside o talento de José Pacheco — novos pela intelligência e pela data do nascimento — arremete assim, triunfantemente, pelos campos da arte e da literatura, transformando, modificando, impondo, convencendo, parece-nos que surge, então, motivo sobejo para que se curve, com admiração e com respeito, a bandeira das antiqualhas estereis, diante do caudal impetuoso duma corrente inovadora, moderna e moça.

O número, agora saído, da *Contemporanea*, opulento de sumo e magnifico em seu aspecto gráfico, é principalmente dedicado ao «Ibero-americanismo». Na sua colaboração literária e artística figuram os nomes de Peres Trancoso, Celestino Soares, Camilo Pessanha, Noé de Azevedo, Fernanda de Castro, Francisco Franco, Eduino de Móra, Gil Vaz, José Luciano de Castro, Eduardo Malta, João de Castro Osório, Paim, Carlos Queiroz, Luís de Castro e Almeida Norton de Matos, Judite Teixeira e Fernando Pessoa. Apresenta ainda a questão dos painéis duma forma breve, clara e expressiva, que pode ser aprendida ainda pelos que não tenham estudado o assunto.

Digamos duas palavras sobre o «Ibero-americanismo».

O «Ibero-americanismo» é hoje mais do que uma ideia em marcha — é uma necessidade imperiosa para a civilização ibérica. A obra civilizadora dos povos da peninsula, nobre e generosa em suas intenções, elevada em suas aspirações de liberdade e perfeitamente definida em suas características sociológicas, que não podemos desenvolver em tão estreitos limites de espaço, tem de precaver-se contra as tendências absorventes, ambiciosas e cubiçosas do imperialismo anglo-saxónico.

Tivemos já o ensejo de participar com um quinhão de ordem sentimental nas relações culturais luso-brasileiras. Sabemos bem que é tempo de entrar decididamente no campo das realizações práticas, à margem da retórica vasia e de fraseologia bombástica. Mas essa embaixada de coração e de alegria que foi a dos estudantes portugueses às Terras de Vera Cruz, representa, pelo largo alcance dos seus efeitos, um empreendimento

que convem não esquecer. Só é possível passar aos acórdos efectivos quando as almas vibrarem em perfeito sincronismo de affectos e sentimentos.

Urge portanto, agora mais do que nunca, abandonar palavras inuteis — e construir. A politica ibero-americana tem de continuar e dilatar-se e alargar-se, com intelligência de organização e orientação. A Espanha já fez soar o toque de rebate. Portugal que tão alto e digno papel colonizador dempenhou na América do Sul, não poderá manter-se em platonismo de atitudes.

O bloco luso-hispano-americano constitui, no seu conjunto, uma força invisível. Os seus destinos estão nitidamente marcados. E cumpre-lhe desenvolver o seu instinto de cooperação e sociabilidade para resistir á actividade politica dos anglo-saxões — e possivelmente absorvê-la até.

Por tudo isto, o reaparecimento da *Contemporanea* deve ser saudado com jubilo. E aqui frizamos a clareza e importância dos dois estudos que a revista insere, da autoria de Celestino Soares e Noé de Azevedo.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 17-5-926



REAPARECEU a interessantissima revista *Contemporanea*, com escolhida colaboração literária e artística, continuando a dirigir-a o distinto architecto José Pacheco.

Entre vários artigos interessantes destacam-se o de Peres Trancoso, *Hora decisiva*, e *A União Iberoamericana*, pelo advogado brasileiro Noé d'Azevedo.

Da colaboração gráfica salientamos as estampas dos painéis de Nuno Gonçalves.

A TARDE, 17-5-926



A *Contemporanea*, magnifica revista dirigida por José Pacheco, relativa ao mês corrente, appareceu-nos hoje. Não desmente os seus créditos nem desacredita os números anteriores. Insere magnifica colaboração e interessantes illustrações sôbre assuntos de palpitante actualidade.

DIÁRIO DA TARDE, 18-5-926



O REAPARECIMENTO da magnifica revista *Contemporanea* (já o escrevi no diário em que trabalho e volto a consigná-lo aqui, porque de todo se me não afigura inútil) marca um acontecimento digno de registo. Acolhi-o com intenso jubilo e o mais fervoroso entusiasmo. E má prova dará o país da sua mentalidade artística e a sociedade portuguesa do seu grau de cultura e civilização, se regatear a tão brilhante iniciativa o seu auxilio moral e material.

Entre nós, as publicações dispendiosas lutam com o tremendo flagelo das tiragens limitadas — e raro conseguem transpôr tão respeitavel obstáculo. Dentro da acanhada relativa do meio e em face do confuso desorientamento duma produção excessiva e nem sempre superior, o espirito de iniciativa, ainda quando desempoeirado e nobre, sente se preso e algemado pela

tiranía da estreiteza ambiente — e sucumbe, mais tarde ou mais cedo, com uma ilusão de perda e um desânimo de acrecento. E' a absorção do pensamento progressivo pelos tentáculos retrógrados das ideias locais; a paralização do desenvolvimento creacional pela inércia desconcertante dos que não pretendem evoluir; a conquista de presas incautas e proporcionadamente fracas pelo polvo dum escól cujas doutrinas, um dia empenadas, difficilmente se dispõem a abandonar o critério que lhes assiste.

Quando, portanto, um grupo de novos, como êste que é animado pelo talento de José Pacheco, arremete assim, triunfantemente, pelos campos da arte e da literatura, transformando, modificando, impondo, convencendo, parece-nos que surge, então, motivo sobejo para que se curve, com admiração e com respeito, a bandeira das antiquilhas estereis, diante do caudal impetuoso duma corrente inovadora, moderna e moça.

E êste número inicial da nova série da revista, opulento de sumo e soberbo de apresentação gráfica, tem ainda o particular interesse de definir o seu novo programa orientador, elaborado no sentido de contribuir, eficazmente, para mais forte aproximação ibero-americana. Dentro dêste objectivo, os trabalhos de Celestino Soares e Noé de Azevedo, doutrinários, ponderados e inteligentes, revestem-se duma importância que não me canço de apoiar e aplaudir.

O Ibero-Americanismo é hoje mais do que uma ideia em marcha — constitui uma necessidade imperiosa da civilização ibérica. A obra civilizadora dos povos da península, nobre e, generosa em suas intenções, elevada em suas aspirações, de liberdade e perfeitamente definida em suas características sociológicas, *tem de precaver-se contra as tendências absorventes*, ambiciosas e cubiçosas do *imperialismo anglo saxónico*.

Tive já o ensejo de participar com um quinhão de ordem sentimental nas relações culturais luso-brasileiras — capítulo que definitivamente se integra dentro do problema ibero-americano. Foi quando da viagem dos estudantes portugueses á Pátria-Irmã de Além-Atlântico — embaixada de corações e de alegria que teve o condão de pôr a vibrar as almas de cá e lá em perfeito sincronismo de affectos e sentimentos.

Agrada-me, pois, a simpática perspectiva de passar das palavras ás obras, aproveitando até os resultados de largo alcance dêsse extraordinário empreendi-

mento da academia e entrando decididamente no ciclo das realizações práticas, á margem de retórica vazia e fraseologica bombástica. Agora mais do que nunca, se torna urgente edificar e construir. A política do ibero-americanismo tem de continuar e dilatar-se e alargar se, com intelligência de organização e orientação. A Espanha já fez soar o toque de rebate. Portugal, que tão alto e digno papel colonizador desempenhou na América do Sul, não poderá manter-se em platonismo de atitudes.

O bloco luso-hispano-americano constituiu, no seu conjunto, uma força invencível — tive a honra de proclamá-lo em terra brasileira, com verbo entusiasmado e repetido o agora. Cumpre-lhe desenvolver o instinto de cooperação e sociabilidade dos seus povos para que possa resistir á temível actividade política dos anglo-saxões — que ninguém sabe bem até onde pretendem chegar, sob as falsas aparências duma paz incerta, se não se opuzer uma barreira intransponível á torrente de ambições do seu egoísmo ráxico.

Meditemos nisto — e não percamos tempo!

Lisboa, Maio, 1926.

PAULO DE BRITO ARANHA.

GAZETA DE COIMBRA, 22-5-926



DIRIGIDA pelo illustre artista José Pacheco, recebemos o 1.º número da nova série desta admiravel revista, que mantém aquele brilho de arte moderna que a torna iuconfundível desde a sua aparição.

A *Contemporanea* destina-se agora a uma larga e inteligente propaganda pan-iberista, sendo o orgão da colaboração ibero-americana. José Pacheco, habil director da nova publicação, tem neste número um grande successo de Arte e de literatura.

O DOMINGO ILUSTRADO, 23-5-926



DA magnifica revista *Contemporanea*, que reapareceu enriquecida no texto, pela apresentação e pela colaboração — e que é uma publicação portuguesa e progressiva, sem intolerancias nem desatinos — queremos transcrever alguns trechos de dois artigos, um do illustre official de Marinha, ex-ministro sr. Peres Trancoso, e outro do distintissimo publicista sr. dr. Celestino Soares. O primeiro encara o

problema português de alem-mar; o segundo faz um breve e esclarecido comentário á politica ibero-americana, que tanto interessa a Portugal.

A *Contemporanea*, da direcção do nosso amigo sr. José Pacheco, continua a bem merecer do publico culto e patriota.

DIARIO DE LISBOA, 26-5-926



RECEBEMOS e agradecemos n.º 1, da 3.ª serie, da elegante revista mensal, *Contemporanea*, dirigida por José Pacheco e editada por Gil Vaz.

O sumário dêste número consta dos seguintes artigos e versos: *Hora decisiva*, por Peres Trancoso; *Breve comentário á politica ibero americana*, por Celestino Soares; *A união ibero americana*, por Noé de Azevedo; *Hora de sol*, por Fernanda de Castro; *El infierno inocente*, por Eduino de Móra; *Carte-Postale*, por Gil Vaz; *Camilo Pessanha*, por João de Castro Osório; *Apoteose*, por Carlos Queiroz; *O menino da sua mãe*, por Fernando Pessoa, etc., etc. A *Contemporanea* é uma revista que não necessita elogios. Está feita e lançada.

O MUNDO, MAIO — 1926



HA vuelto a aparecer en Lisboa, tan espléndidamente editada como en su primera época, la revista *Contemporanea*, que dirige el distinguido literato José Pacheco, gran amigo de España. *Contemporanea* continúa publicando artículos y poesias en castellano, y en su primer número dedica a la política de aproximación peninsular y de aproximación a la América ibérica un excelente trabajo de Celestino Soares, gobernador civil de Portoalegre.

También dirige un saludo, encabezando el texto, a los aviadores del «Plus Ultra», representantes de una España moderna y grande, y comenta con afecto las palabras del Rey D. Alfonso XIII, al entregar en Sevilla el terreno para el pabellón portugués de la Exposición Ibero-americana.

Es *Contemporanea*, artística y políticamente, una revista que honra a Portugal. Y abierta, como está, a las plumas y a los intereses españoles, que son en esa inmensa zona del peninsularismo y del ibero-americanismo idénticos a los de la nación vecina y hermana, debe inspirar aquí el más vivo interés y la más cordial simpatía

LA NACIÓN, 8-6-926

SOL

BI-SEMANÁRIO REPUBLICANO

DIRECTOR

CELESTINO SOARES

POLÍTICA

BELAS ARTES

CRÍTICA

PUBLICA-SE ÀS

QUARTAS FEIRAS

E DOMINGOS

EDIÇÃO DA GRANDE REVISTA MENSAL CONTEMPORANEA

PREÇO 50 CENTAVOS

Contemporanea

ANO 1.º — VOLUME 1.º

JORNAL

3.ª SÉRIE — N.º



Revista feita expressamente

*** para gente civilizada ***

1926

Revista feita expressamente

*** para civilizar gente ***

A iniciativa do município e a dos cidadãos resolve todas as questões locais com o mais alto critério administrativo, dentro da mais lógica systematização de idéas. Burgueses, negociantes, mercadores, os homens das classes dirigentes de Amsterdam, solidamente educados na maxima parte, muito d'elles superiormente instruidos, comprehenderam perfeitamente que é um problema scientifico o problema da riqueza; que o desenvolvimento do comercio se baseia principalmente para as sociedades modernas no desenvolvimento do saber, que as transacções do negócio procedem presentemente e por toda a parte dos grandes progressos das industrias creadoras; e que a sorte das industrias em toda a Europa depende hoje directamente do grau de desenvolvimento artistico de cada povo, do nível da sua instrução, do bem estar das classes trabalhadoras, da sua da evolução intelectual, do progresso da crítica, do aperfeiçoamento geral do gosto publico.

Dai vem que o grande comercio de Amsterdam, em vez de desgastar unicamente a si mesmo pelo processo autopofágico das regulamentações aduaneiras e das accumulacões de aparelhos bancários, pensa em augmentar a sua prospriedade, e julga sabiamente servir o futuro, creando escolas, fomentando exposições artisticas, fundando galerias de arte, enriquecendo e multiplicando os museus, semeando os grandes jardins de recreio, plantando os grandes parques de luxo, — perfeitamente convictos d'esta grande verdade económica e social: — que para o enriquecimento dos povos no regimen do trabalho moderno a noção do *bello*, como antigamente se dizia, é de todas a mais *util* e a mais *necessária*, e que só pelo ensino artistico se chega á prosperidade industrial.

RAMALHO ORTIGÃO

A HOLLANDA

Pag. 119

CAPITULO AS CIDADES

OS NOVOS

De uma entrevista dada ao "Diário de Notícias" de 28 de Junho, pelo Senhor coronel José Vicente de Freitas, presidente da Comissão Executiva da C. M. L. que aplaudimos calorosamente, e que representa há muito a nossa maneira de ver

— **M**AS, no caso de V. Ex.^a tomar posse do seu cargo?

— Nesse caso, tenho delineado um programa vasto, que lhe sintetizo nestas palavras apenas: «embelezamento de Lisboa». Bem desejaria ser prestável, útil a Lisboa, que, se não é minha terra, lhe quero como tal.

E explica-nos. A capital sempre lhe mereceu reparos, como pobre doente, que precisa de remedios que a reanimem e alindem. Ainda ontem, ao darmos algumas notas biograficas, a sublinharem o retrato do sr. coronel Vicente de Freitas, apontámos como trabalho seu, muito apreciado, uma excelente planta da cidade, o que prova conhece-la a palmo e saber dos seus erros de urbanisação.

— Esta frase «embelezamento da cidade» tudo compreende ele, os principais e mais urgentes problemas a resolver, tais como...

E enumera:

— O da iluminação. Lisboa é uma terra pessimamente iluminada. Uma boa iluminação é o meio policiamento da cidade, suprimido. Ha que enfrentar de vez e resolver este assunto especial.

— O dos arruamentos e construções urbanas. *Houve grandes erros de traçado.* As exigências do serviço exigem reformas, *arranjos de casa.* Ha milhares de automoveis e taxis em Lisboa. Já não ha lugar para os pôr, porque não ha praças. *Depois, as casas tem sido construidas a trouxe-mouxe, sem proporções, sem planos de conjuncto que é preciso estabelecer.* Já se não

podem deitar predios abaixo, nem modificar-lhes as feias fachadas. *Mas pode-se legislar para o futuro, preber, estabelecer doutrina insofismavel.*

— Outro problema é o da higiene da cidade. Posturas a impor inflexivelmente. *Lisboa não se lava, não se limpa.* Urge construir balnearios e para isso temos primeiro de acertar a questão das aguas, questão fundamental.

— Ainda outro assunto a tratar, é o dos jardins. Ha alguns. *Mas são precisos muitos e grandes. Lisboa precisa desses pulmões, para seus enfermos, purificação do ar, sanidade perfeita.*

Uma pausa. Um reparo. Uma verdade:

— Tenho viajado, tenho visto. *Nos outros países, de tudo quanto é mau, inferior, fazem bom e belo. Nós temos procedido ao contrario. Terra excelente, formosa, belesa natural e incomparavel, que não aproveitamos e estragamos.* Não deve ser assim. Roma e Pavia não se fez num dia. *Mas é sempre a altura de começar.*

Uma pergunta nossa:

— A respeito do pessoal da Camara. Tenciona V. Ex.^a fazer ou apoiar reduções que se apontem.

— Só depois de estar na Camara, se lá fôr, é que lhe posso dizer. Ha que fazer economias; possivelmente côrtes. Mas tem de ser feitos devagar, seguindo normas de justiça, olhando para alguns interesses criados. Neste particular, entendo que é preciso empregar mão forte, mas calma...

E para terminar a conversa e as indicações dadas:

— A primeira coisa que farei e que reputo urgente, é contratar Forestier, fazer vir a Lisboa esse grande architecto das cidades, especialista em metodos de urbanisação.

A obra de Forestier está patente em Paris, em Madrid, em Salamanca, etc. Dessas cidades falámos largamente, comparando se com Lisboa,

sonhando uma Lisboa moderna, civilizada, pulcra, o que leva o sr. coronel Vicente de Freitas a afirmarmos por fim:

— Ha que trabalhar por uma Lisboa limpa, digna do seu renome e da sua esplendida situação europeia, capital e porto privilegiado. Nisso me empenharei. E, dentro ou fora da Camara, por isso, como até agora, lutarei com todo o meu empenho e todas as minhas forças.

N. R. — O Itálico é nosso.



A Contemporanea propõe ao Ex.^{mo} Sr. Ministro da Instrução:

1.^o O immediato afastamento do actual director geral de Belas Artes, substituindo S. Ex.^{ia} por dois, trez ou mais membros, que formem uma direcção geral, e da qual faça parte o director desta revista.

2.^o Que o actual director geral de Belas Artes, mesmo afastado, continue recebendo os seus vencimentos.

3.^o Que a direcção que substitua S. Ex.^{ia} não tenha vencimento algum.

Teremos assim que, estando o Senhor Director Geral de B. A. habituado a não fazer nada, e a receber, não poderá extranhar a sua nova situação, o mesmo sucedendo ao director desta revista, que está habituado a trabalhar, e a não receber nada.



FUÉ de las fiestas citadas quizá su nota más conmovedora la presencia en ellas de una figura admirable: la del almirante Gago Coutinho.

.....
Fruto de una larga preparación científica y de un desprendido y generoso valor personal, él y el malogrado Sacadura Cabral, discípulos espirituales del Infante de Sagres, se lanzaron a la ventura de renovar en una ruta inédita los laureles de Lusitania. Por esto, la presencia

del almirante portugués, entre quienes acompañaban a nuestro Soberano en aquel inolvidable momento, tenía la doble significación del reconocimiento de méritos excepcionales y la de querer reanudar por la España de Alfonso XIII aquella comunidad heroica y civilizadora que en el siglo XV reveló a Europa el desconocido planeta de que formaba parte. Que no nos cansaremos nunca de repetir, portugueses y españoles, el que, gracias a nosotros, a nuestro esfuerzo, aunado durante cien años nada más, se debió el descubrimiento del mundo, reducido antes de nuestra maravillosa epopeya a límites tan exiguos, que, excepción hecha del oeste del Asia y del norte de África, sólo sabían los europeos, y esto muy vagamente, de la existencia de otras tierras gracias a Marco Polo.

Descubridores de todas las rutas del mar, los portugueses y los españoles reanudaron en 1923 su vieja fraternidad viajera; pero esta vez por los invisibles caminos del aire. Al viaje de Coutinho y de Cabral sucede el del avión «Plus Ultra», y casi sin pérdida de tiempo el de la escuadrilla «Elcano», a las Filipinas. Por todo esto, consideramos como una idea felicísima, hidalga y cordial la invitación que se hizo al almirante portugués, que ya en el último tercio de su vida, con los cabellos grises y la mirada fatigada y llena de visiones luminosas y lejanas, pronunció delante del Rey de Castilla palabras tan unidas de emoción señorial y sugeridora, que sonaron en los oídos españoles como si viniendo del fondo de aquella historia muerta tuviese la virtud de anunciar un alba nueva y triunfal para las dos naciones hermanas, que supieron desangrarse en aras de un ideal y en el ejercicio de una empresa que no ha

tenido rival en la historia de los hombres.

El Conde de Santibañez del Rio

▼ ▼
POR lapso, publicamos no último número em hors-texte um desenho de Paim, sem reproduzirmos a seguinte dedicatoria que está escrita no original: *Ao Almade Negreiros, justo orgulho da Arte portuguesa contemporanea, offerece o grande admirador Paim.*

▼ ▼
VOLTOU a fixar residência em Lisboa o nosso íntimo Amigo Homem-Cristo, filho.

O ilustre publicista, que em Paris tem uma situação de excepcional destaque nos meios intelectuais pode orgulhar-se de ter conquistado junto da aristocracia francesa e dos meios políticos uma situação que nenhum estrangeiro alcançou na capital espiritual da civilização contemporânea.

O seu nome e a sua actividade reservam-lhe um tal lugar entre os intelectuais europeus que se nos afigura inútil fazê-lo notar.

Esperamos que em Portugal se lhe preste a homenagem devida a quem tão bem tem servido os altos interesses da sua terra.

▼ ▼
«**C**ONSIDERANDO os sinceros sentimentos de amizade que reciprocamente nutrem as nações portuguesa e espanhola, sentimentos derivados não só da vizinhança e afinidade de raça como de sólidos vínculos, tais como a História, a mentalidade, as descobertas que deram á civilização um novo mundo, vínculos que naturalmente impellem a uma íntima aproximação, sem exclusão do respeito mutuo pelas suas soberanias, e ás relações fraternais entre os dois países, como ultimamente manifestaram os povos espanhol e português no entusiasmo e interesse que tomaram pelas

viagens aéreas de Gago Coutinho e do malogrado Sacadura Cabral e dos arrojados tripulantes do «Plus Ultra»;

Considerando ainda o alto apreço em que foi tida pelo Governo da Republica a recente prova do desejo manifestado pelo Governo de Sua Majestade o Rei de Espanha de estimular a cordealidade de afectos e solidariedade de interesses entre os dois povos irmãos, elevando á categoria de embaixada a sua legação em Lisboa;

Usando da faculdade que nos concedem os artigos 38.º, § 3.º, e 47.º, n.º 3.º, da Constituição Política da Republica Portuguesa;

Havemos por bem, de harmonia com a resolução em conselho de ministros, decretar o seguinte:

Artigo 1.º E' elevada á categoria de embaixada a legação da Republica Portuguesa em Madrid.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario».

▼ ▼
ESTEVE em Lisboa, de passagem para S. Paulo, depois de uma viagem pela Côte d'Azur, M.^{me} Olivia Penteado.

Durante as breves horas que esteve em Lisboa foi hospede dos nossos colaboradores Fernanda de Castro e António Ferro, que lhe ofereceram um almoço íntimo, para o qual convidaram o ilustre escritor Homem Cristo, filho, e o Director da *Contemporanea*.

O grupo da *Contemporanea* ofereceu á ilustre visitante uma taça de champagne, no Salão nobre do Restaurant Tavares.

Inscreveram-se: Fernanda de Castro, Sara Afonso, Tereza Leitão de Barros, Verginia Vitorino, Almada Negreiros, dr. Alves de Azevedo, Amílcar de Barros Queiroz, António Botto, António de Certima, António da Costa, António Ferro, António de Navarro, António de Séves,

António Soares, Augusto Santa-Rita, Ayres Pinto da Cunha, Carlos Queiroz, Carlos Viana, dr. Celestino Soares, Eduardo Malta, Eduíno de Móra, Fernando Davide, Gil Vaz, Homem-Cristo, filho, dr. João de Castro Osório, Jorge Barradas, José Bruges de Oliveira, José Osório de Oliveira, José Pacheco, dr. Luís de Castro Norton de Matos, Luís de Montalvor, dr. Marcello Mathías e capt. Menezes Ferreira.

A ilustre senhora, em cujos salões de São Paulo se reúne a brilhante mocidade modernista do Brasil tem uma galeria em que juntou os mais avançados artistas plásticos do mundo contemporaneo.

Teve s. ex.^a a amabilidade de convidar, em nome dos intellectuais paulistas, o director da *Contemporanea* para uma visita de propaganda da revista e aproximação entre os artistas das novas gerações portugueza e brasileira. Constituirá essa viagem um dos mais interessantes objectivos da acção ibero-americanista desta revista, pelo que o convite dirigido a José Pacheco representa um alto serviço à obra em que se empenham os nossos amigos de Portugal, do Brasil e de Espanha e da América Espanhola.

M.^{me} Penteadó manifestou o seu desejo de visitar demoradamente o nosso país, o que fará no próximo inverno.

A *Contemporanea* aguarda essa oportunidade para que os seus amigos signifiquem à Excelentíssima Senhora Dona Olívia Penteadó a alta consideração que tributam ao seu gentilissimo espirito.



CELEBRANDO o trigéssimo dia do falecimento de Tomé de Barros Queiroz, que foi um dos mais respeitados vultos de prestante cidadão, e que sempre honrou a *Contemporanea* com a sua valiosa amizade, mandou o seu Director rezar uma missa a

O IBERO-AMERICANISMO DEPOIMENTOS QUE EM PORTUGAL O JUSTIFICAM

SOU um velho admirador do Rei Afonso XIII. Estamos a par das suas intenções no chamado bloco ibero-americano. Essa política, prosseguimo-la. A Exposição Ibero-Americana de Sevilha iremos de alma e coração, auxiliaremos em tudo as aspirações do tratado de commercio luso-espanhol.

Vizinhos e amigos da Espanha e firmes aos nossos direitos mútuos, nunca uma amizade luso-espanhola teve mais sinceros defensores. A Espanha tem a sua política interna, nós a nossa. Mas no campo internacional, onde os nossos objectivos são identicos, ligados estaremos sempre.

General
GOMES DA COSTA
Presidente do Ministério
e Ministro da Guerra



DEVEMOS continuar as nossas relações de interesses e de sentimentos com a nação vizinha e irmã.

Devemos procurar, através do Atlantico, estreitar, em acordos úteis, as nossas amigaveis relações históricas com o Brasil.

Comandante
MENDES CABEÇADAS
Antigo Presidente do Ministério
e Ministro do Interior

grande instrumental, na Igreja de São Domingos, em Lisboa.

Foi oficiante Sua Excelencia Reverendíssima o Senhor Bispo de Trajanópolis, que gentilmente se associou à homenagem que a Barros Queiroz quizeram prestar os nossos amigos e seus admiradores.



COMEMORANDO o aniversário da Independencia de Cuba o Ministro desta República em Lisboa, o nosso colaborador Antonio Irazoz e sua Excelentissima Esposa, ofereceram no Hotel Avenida Palace uma recepção, seguida de baile.

Assistiu o Governo Portuguez, Corpo Diplomático e inúmeras pessoas das relações dos ilustres Ministros.

A *Contemporanea* fez-se representar pelo escultor António da Costa e pelo poeta Gil Vaz.

MAIS um mês passou sem que possamos dar conta dos trabalhos da Comissão Portuguesa de Cooperação Intellectual, de cuja misteriosa ou oculta actividade faremos, logo que seja possível, o necessário comentário.

Insistimos em perguntar se ela — tal como funciona e dentro das bases por que se rege — corresponde às características impostas pela S. D. N., ou se mais se parece com uma associação de classe de quaisquer capelas literárias.

E' seu Presidente o Dr. Júlio Dantas e Secretário o Sr. António Sérgio.



A *Contemporanea* saúda S. Ex.^a o Senhor Dr. Bernardino Machado que, com alto espirito cívico, renunciou ao lugar de Presidente da República, depois de, em bem difícil momento, ter prestado mais um serviço à Nação.

OS PRIMEIROS



E' lenta e laboriosa a construção da ciência, seguindo-se aos impulsos da intuição e sendo fruto dêles seus acertados caminhos. Não nos tem de surpreender, portanto, que a doutrina iberoamericana ande dispersa e as suas formulas mais expressivas — como as proclamadas em La Rábida — não sejam senão o esboço de uma orientação definida, que só com porfiados esforços se alcançará.

Estamos no periodo inicial dessa política e em bem restrita materia se conhece concretamente a realização que se pretende atingir, não havendo mesmo aquela coesão que pode determinar uma linha directriz comum.

Com o *Breve comentario à politica iberoamericana*, passando em revista a actividade propriamente política desse movimento, tive ocasião de caracterizá-lo, consoante a corrente que se tem por mais importante, no século que corre.

Prosseguindo no estudo que com êle encetei, hei-de sucessivamente tratar dos problemas, que maior urgência recomendam, dentro dessa política, detendo-me no exame das instituições iberoamericanistas e dos actos internacionais dos estados interessados. Entre as primeiras, inclúo o *Colegio Mayor* e a *Federación Universitaria*, que constituem dois factores essenciaes da vida mental, por ser nelas que teem sua séde o movimento didático e a acção corporativa dos estudantes. Entre os segundos, referir-me-ei à Exposição de Sevilha, ao Congresso de La Rábida, ao tratado de commercio com a Espanha, ao tratado com o Brasil, às relações com a America do Norte, à nossa representação diplomática na América Espanhola, à nossa organização consular em toda a America e na Espanha, aos incidentes de fronteira ou de zonas de soberania, ao intercâmbio universitário e à aproximação e expansão intelectual, de todos os quais tem que ser consequência immediata a nossa política geral de emigração, de colonização, de relações financeiras e de relações culturais.

E' certo que o estudo dêsses problemas nos leva a considerar simultaneamente o capítulo da política interna ou da vida nacional que lhes corresponde; e que tem de se optar entre a consideração teórica da organização portuguesa, incluindo nela a possibilidade de emenda das nossas instituições deficientes, e a situação real das nossas cousas, ou debeis tendências que surgem, num ou noutro campo, das quais se possa esperar mais inteligente realização.

Mas estes estudos prendem-se com a orientação iberoamericanista da *Contemporanea*, cujo pensamento representam, e porisso teem de acompanhar aquelles que maior avanço tiverem dentro de tal política, procurando que as instituições portuguesas sigam paralelas com as estranhas, e que para cada nova modalidade se aproprie em Portugal o instrumento conveniente.

Confiando nos homens doutos que teem lugar nos centros da ciência, no nosso país, esperamos que deles venha a espontânea adesão ao movimento, e que cada núcleo corrija os próprios erros, e se apreste para a concorrência, mantendo os altos créditos de que gosa o valor nacional.

A política iberoamericana tem de tomar autoridade na colaboração de respeitaveis cidadãos, e criar fortes raizes na razão dos homens e na consciência das nações interessadas, indo daquela para esta pelos sábios e adequados actos da política de

estado. Tudo quanto se faça fóra desta ordem natural é esforço inútil e, as mais das vezes, nocivo.

A primeira condição de um alevantado espírito que arraste a colectividade é a exacta conjunção dos pensadores com os comuns. Creio bem que esta obra iberoamericana se destina a preparar a hegemonia civilizadora dos povos provindos da Hispânia, que pela primeira vez se apresentarão no século xx como uma corrente unida, integralmente definida na historia da civilização, a qual na época do Renascimento deu ao mundo, com seus agigantados passos, o primeiro assombroso ensinamento.

A hegemonia não vem de um salto, nem bruscamente se revela. E' obra lenta de seguro estudo e desfecho do persistente trabalho harmónico dos povos. Aos homens do escol cabe o primeiro papel; e a sua intuição, que os levou ao primeiro gesto ousado, em que ninguem reparou, foi o mais seguro índice da nova fonte de glórias pátrias.

Porisso, antes de entrar nos estudos especiais, é dever prestar homenagem àqueles que, com o seu esforço pessoal, animados apenas pelo desejo de viver a sua época e obedecendo a um imperioso impulso de alma, se meteram isoladamente a correr o mundo iberoamericano, construindo com suas mãos os mais sólidos padrões da realidade espiritual do movimento, e regressando á terra, não como filhos pródigos turbados da mágua de seu ingrato procedimento, mas com o coração repleto de venturas e o nome aureolado de louvores.

Foram êsses uns que, por vocação se encaminharam como aprendizes para os grandes centros de pensamento e da arte ibérica, como Ernesto do Canto e Guilherme Felipe, que em Madrid trabalharam com Júlio Antonio e de Sorolla, e já hoje com as suas obras originais marcaram lugar à parte na escultura contemporânea e na pintura portugueza; outros que, com a autoridade de seus nomes consagrados, se foram a outra metrópole erguer novas obras e capitanear novas hostes, como Malheiro Dias, no Brasil, e Ramón Gomez de la Serna, em Portugal; outros que, em breves visitas, marcaram brilhantemente o inicio do intercâmbio universitário e da aproximação intelectual, como os brasileiros Oliveira Lima e Cardoso de Oliveira, os espanhóis Eugenio d'Ors, Perez d'Ayala e Gomez Baquero, o argentino José Maria Cantillo, os cubanos Iraizoz, Hernandez Catá e Eduíno de Móra, em Portugal e os portugueses Eugenio de Castro, Joaquim de Carvalho, Leonardo Coimbra e Paulo Mereia, em Espanha; outros, escolhendo Portugal para a sua residência, como o espanhol Jorge Colaço e o brasileiro Sousa Pinto; outros, que a Espanha foram em missão científica junto dos mestres espanhóis como Gomes Teixeira, Queiroz Veloso e Simões Raposo; outros, que, sentindo-se apertados pelas estreitas fronteiras da estética oficial foram a Espanha e ao Brasil alcançar um justo triunfo, como o nosso maestro Rúi Coelho; outros, que levam o seu amor pela civilização que surge ao ponto de pessoalmente contribuirem para a divulgação das obras da arte contemporânea, como Iraizoz que ao escultor português Antonio da Costa encomendou uma estátua, com que se adornará um jardim Público de Reglas, cêrca de Havana; e finalmente Fernanda de Castro e Antonio Ferro que foram em Espanha e no Brasil os melhores e mais bem acolhidos embaixadores das modernas correntes de arte de Portugal, oferecendo aos atentos admiradores desses países o primeiro conhecimento das suas melhores obras.

Não são poucos os nomes que hoje se juntam nesta relação dos primeiros caminheiros e maiores artífices da nova ideia. E considerando que cada um deles excede em méritos a nomeada de que gosa, porque só com o decorrer dos anos terão do mundo ibérico o apreço que em parte dele conquistaram, se verifica que temos tido nos centros da cultura portugueza esplendente operosidade e que deles irradiaram nobres e brilhantes emissários, fóra aqueles que dentro desta política estabeleceram doutrina, como Coelho de Carvalho, Betencourt Rodrigues, Antonio Sardinha e outros, que no artigo anterior referi.

A actividade de todos, concentrada num instituto que se proponha presidir a formação cultural iberoamericana, parece-me de aconselhar. A *Contemporanea* lhes oferecerá as bases dêsse instituto e deles aguarda a sua maior acção, esperando que assim se complete a obra puramente universitária que a Espanha se reservou, creando o Colegio Mayor, marcando-se para Portugal um campo próprio, em que possa, com a sua capacidade e com o respeito que inspira, tomar posição primacial ao lado da outra nação mãe.

CELESTINO SOARES

Uma
Cantiga
em
V i l a n c e t e

Ao Luiz de Montalvor — Para o seu espirito aristocratico.

Não me peças mais canções
Por que a cantar vou sofrendo:
Sou como as velas do altar
Que dão luz e vão morrendo.
Se a minha voz conseguisse
Dissuadir tua frieza,
E a tua boca sorrisse!
Mas sóbria por natureza,
Não a posso renovar,
E o brilho vae-se perdendo . . .
— Sou como as velas do altar
Que dão luz e vão morrendo.

ANTONIO BOTTO

APPROXIMAÇÃO IBERO AMERICANA

O QUE DEVE O BRASIL FAZER PARA COMPLETAR A SUA INDEPENDENCIA

HA cem annos apenas, a poucos passos daqui, na agreste, e hoje famosa Collina do Ipiranga, um principe portuguez arrancava do chapéu as cores lusas, e proclamava a Independencia do Brasil.

Não sem hesitações se mostrou D. Pedro, quer antes, quer depois do incidente, a que um subito arrebatamento o determinara, levado pelas noticias que lhe chegavam das Côrtes portuguezas, e pelos conselhos de José Bonifacio e da princeza Leopoldina.

IDEAS DO IMPERADOR

É que na mente do filho de D. João VI, se arraigara a idéa de succeder no throno lusitano e brasileiro, formando um grande imperio, que, á semelhança do napoleonico, pesasse na balança do mundo, e tirasse da America e de Portugal e Colonias os elementos de uma immensa organização politica.

D. João, ao transportar para o Brasil a Côrte, já erguera, em nome da nação portugueza seu protesto contra as invasões do Corso, «do seio do novo imperio que ia criar», e assim a politica do Regente inspirava os movimentos do filho, com o mesmo sonho de grandeza, a mesma aspiração que perpetuaria, através dos seculos, o formidavel imperio colonial portuguez.

CONFERENCIA REALIZADA NO INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAFICO, DE S. PAULO, PELO DR. SPENCER VAMPRÉ PROFESSOR DA FACULDADE DE DIREITO, DE S. PAULO ⁽¹⁾

Supponhamos que a independencia do Brasil não se tivesse dado; que no Ipiranga não escoassem os accents arrebatados do principe, dos cavalheirosdo seu quesito; que a scena empolgante, que o pincel de Pedro Americo estampou para sempre em nossa historia, se apagasse, como uma visão passageira e fugaz.

Supponhamos que as duas corôas de Portugal e do Brasil, es-

treitamente unidas pelas dynastias, estabelecessem um regimen constitucional monarchico, como o que, pouco depois da nossa independencia, se instaurou além mar; que, aquem e além do Atlantico, dois principes bragantinos sopesassêm, nos seus sceptros, as duas grandes patrias unidas e irmans,—pela organização politica, como o são até hoje pela mais carinhosa communhão de sentimentos, de aspirações e de ideas.

Imaginemos o que teria sido a nossa historia no primeiro e no segundo reinado, : e ainda o que seria ella na Republica brasileira e portugueza, como os surtos de progresso e de vida, que as instituições novas inspiravam na alma das duas grandes nações.

(1) O sr. Spencer Vampré é um dos mais illustres e dos mais acabados mestres da Faculdade de Direito de S. Paulo. Autor de muitos e valiosos trabalhos sobre a sociologia e jurisprudencia, a sua ultima obra é um grande *Tratado de direito commercial*, cujo ultimo volume, o 3.º foi ha poucos mezes publicado.

VANTAGENS DA UNIÃO LUSO-BRASILEIRA

Calculemos as vantagens de uma organização política, fundada na mais profunda sympathia dos dois povos, autonomos, mas irmãos; independentes, mas socios: livres, mas cooperantes. Computemos as consequencias agricolas, mercantis, maritimas, dessa cooperação: — Portugal, abrindo para a America a sua produção, e os seus portos europeus; — o Brasil, encontrando nas ilhas atlanticas portuguezas — nos Açores, em Cabo Verde, na Madeira, — as estações de sua navegação, as bases de sua defesa naval, os proventos de carvão e aguadas.

A bandeira verde e vermelha de Portugal, em cujos symbolos se perpetua a epopéa de suas descobertas, e a bandeira verde e amarella do Brasil, que retrata as suas immensas riquezas vegetaes e mineraes, irmanadas para sempre.

De Portugal a gloria de seus grandes feitos, cantada pelo maior poeta epico dos tempos modernos, na lingua mais formosa, mais vibratil, mais cantante, mais limpida, mais culta, que jamais se ouviu sobre a face da terra — lingua que possui o sabor classico do idioma do Lacio, mas que traduz o temperamento aventureiro e navegante, guerreiro e heroico, crente e audaz dos lusitanos.

Do Brasil, os estos incoerciveis de uma nascente nacionalidade que se não deixa observar pelo estrangeiro, e que impõe a milhões de immigrants os seus habitos, os seus costumes, as suas idéas, e essa linda lingua de Camões e de Vieira, que miraculosamente se estende do Amazonas, orçado de florestas tropicaes, ao Rio Grande do Sul, varrido pelo frio dos pampeiros.

Do Brasil, as riquezas inenarraveis do seu solo, onde o ferro e o carvão dormem ainda o seu somno de lendas, á espera que um principe encantado os venha acordar; do Brasil, a flora feracissima, capaz de abastecer o universo inteiro, desde as traves rudes que formam os dormentes e as vigas mestras, até ás madeiras raras, mimos de arte que competem e sobrepujam as melhores da Europa e da Asia.

Do Brasil, a extensão desmesurada de suas lavouras, fecundadas pelo braço luso tão acostumado a manejar a espada, como o leme, e tão habil me rechassar o inimigo, como em arrotar o solo.

Do Brasil, em summa, as possibilidades fantasticas do seu presente e do seu futuro, e o ideal de glorias, que dorme no fundo de cada coração de brasileiro, e que, com a lingua e com a historia, herdamos de Portugal, aventureiro e sonhador.

IDEIAS DE PAZ

Imaginemos agora o Brasil e Portugal, unidos nas mesmas tendencias de paz, de justiça e de ordem internacional, a estender sobre o Atlantico os seus navios peçados de productos industriaes e agricolas, e as suas bandeiras confederadas tremularem simultaneamente em todos os mares: — desde as rendilhadas costas do mar do Norte até ás planicies infinitas do Oceano Pacifico; desde o mar das Indias, povoado outróra de mysterios, até aos oceanos polares, reflectindo nostalgicamente a brancura de suas neves eternas.

Sonhemos a lingua de Vasco da Gama, ressoando aos ouvidos de todos os povos pacificos, a lingua de Albuquerque, terrível e Castro forte, despertando, para a justiça e para o direito, as nações a quem a inveja e a cobiça instillam odios e intrigas internacionaes. Figuremos as duas grandes Republicas hodlernas cimentando, na

mais estreita amizade de irmans, os seus ideaes communs, os seus interesses communs, as suas glorias communs, Glorias, ideaes e interesses, cujos symbolos bemditos são esses genios, que se chamam Santos Dumont e Sacadura e Coutinho, e cujas investiduras para o infinito só fazem lamentar que não se possa mais alargar o universo, porque

SE NAIM MUNDO HOU- VERA LÁ CHEGARAM

Ahi está, meus senhores, o que seria a união luso-brasileira, formando um só Imperio, ou uma só Republica, — ou que é o mesmo — duas republicas confederadas, estreitamente unidas pelos laços politicos, como sempre o foram pela mais terna, pela mais sincera, pela mais inalteravel amizade.

Ahi está o que seriam Portugal e o Brasil unidos, sulcando soberanos o Atlantico com a sua marinha mercante, e defendendo os vapores do seu commercio pela muralha de aço de seus navios de guerra.

BASES MERCANTIS E MILITARES

De um lado e de outro, bases mercantis e militares, prodigiosamente semeadas pela Providencia: em frente ao Brasil a colonia portuguesa de Angola, com o mesmo clima, com as mesmas produções do Brasil Central, e com um milhão e duzentos e cincoenta e cinco mil kilometros quadrados; S. Paulo de Loanda quasi na mesma latitude da Bahia; o archipelago de Cabo Verde, a cinco dias de Pernambuco; Lisboa a dez dias do Rio de Janeiro; e esse rosario de ilhas que, desde os Açores até Fernando Noronha, mostra-se a estrada natural das communicações entre Portugal e o Brasil, por via maritima, ou por via aérea, — estrada por onde transvoaram Sacadura Cabral e Gago Coutinho, e que ha de ficar eternamente fulgindo, na historia dos dois povos irmãos como uma via lactea que eternamente os ha de congregar e unir.

Abramos agora as azas á fantasia, e imaginemos o que serão as duas grandes nações em futuro bem proximo, se os seus governos souberem comprehender e realizar o que a geographia e a historia nos estão ensinando. Mas para que a lição seja mais fecunda comparemos o que somos agora, com o que seremos depois.

A zona immensa do litoral brasileiro torna o Brasil, entre os povos da terra, carecedor, como nenhum outro, de uma poderosa accção maritima, sem a qual o seu commercio internacional a sua independencia, a sua autonomia, a sua vida quotidiana, se tornarão, dentro em breve, impossiveis. Ou havemos de nos reduzir a uma colonia estrangeira, com, ou sem apparencia de nação soberana e livre, ou entraremos resolutamente pelo Atlantico, a conquistar mercados, a esvasar para a Europa, para a Africa, para a Asia, para as Americas, os excessos da nossa produção.

HORIZONTES POLITICOS

Felizmente se nos anuncia, nos horizontes politicos, um governo que encara o problema da produção economica como o mais urgente, o mais grave, e mais vital para nós.

Lendo os discursos do illustre ministro de Fazenda, e a mensagem do eminente presidente da Republica, nenhum outro problema resalta mais vivo do que o da produção economica.

E' que os estadistas brasileiros comprehendem que a nossa independencia não está ainda completa; diremos mais, que a obra da independencia está periclitando, se um braço forte, uma cabeça livre de preconceitos, não assentarem as bases da produção nacional, organisando-a de modo permanente, e transformando, sob esta inspiração, a nossa cultura, os nossos representantes diplomatas, a nossa politica interna, a nossa vida diaria.

Cumpra que o Brasil se transforme numa vasta officina de trabalho indefesso, e que o labor e a economia publica e privada alicerces uma situação estavel, sem a qual sahiremos vencidos dos embates mercantis modernos.

Mas, tão intimos se entrelaçam hoje os problemas internos com os internacionaes, que não é possível fechar-se um povo no seu territorio, como uma lagarta no seu casulo, para trabalhar no silencio e na sombra.

A grande machina da civilização precisa propellir todas as suas engrenagens, e o seu rodar formidavel desconcerta todas as peças que se recusam a acompanhar-lhe o ambicioso movimento.

Olhemos para o presente, e tentemos, através delle, divisar o futuro.

PREPONDERAN- CIA NO BRASIL

O Brasil presente já, e ha de representar sempre, na politica sul-americana um papel preponderante — que para isso o preparam a sua situação geographica e a sua historica politica, os recursos inexauriveis de seu territorio a sua proximidade da Europa e da Africa e o seu natural dominio sobre o Atlantico,

Unido á Argentina pelos laços da maior amizade; estreitamente ligado a ella por activo intercambio de productos; necessitando da cooperação de sua grande irman sul americana, e ainda contando com a amizade leal do Uruguay e do Paraguay, o Brasil terá o dominio incontrastavel sobre o Atlantico; ou melhor, ás republicas atlanticas sul-americanas, caberá a hegemonia mercantil e militar sobre a orla do seu oceano, que lhes abre simultaneamente as portas para as aggressões estrangeiras e para o fecundo intercurso do commercio pacifico.

Do outro lado do Atlantico, na costa da Africa, o leão inglez tem cravadas as suas garras de ferro, mais fundamentalmente agora pelo aniquilamento da Allemanha colonial, e a França procura sorratamente estender os seus dominios, ambiciosa de desenvolver as colonias.

Estes dominios europeu-africanos ameaçam permanentemente a expansão da America do Sul e do Brasil em especial; porque não só militarmente constituem um perigo proximo, como, no ponto de vista industrial e mercantil, obumbrarão certamente a nossa agricultura e as nossas industrias.

Que valerá o café do Brasil, e o algodão do Brasil, o carvão, o ferro, o manganez, as madeiras, se não os transportarmos, em concorrência com a França e com a Inglaterra, pelo aparelhamento de uma marinha mercante luso-brasileira que torne possível a concorrência dos nossos productos, nos mercados da Europa, da America e da Asia?

Sim, senhores, nos mercados da Europa, da America e da Asia, porque — ou havemos de conquista-los, lutando, palmo a palmo, com os productores concorrentes, ou, mais dia menos dia sossobraremos numa luta desigual.

E porque precisamos de conquistar os mercados de todos os continentes, em epoca mais ou menos remota, impõe-se-nos estreitarmos os laços politicos, e os interesses agricolas e industriaes com Portugal, porque só esta nação, dentre todas as demais, possui, em todo o globo, bases commerciaes e militares para nós utilisaveis.

Já nos referimos á colonia de Angola, sobre a costa africana do Atlantico, — a maior e a mais importante possessão portugueza. Lembremos a Guiné, no ponto africano mais proximo do Brasil, quasi fronteira ás ilhas portuguezas do Cabo Verde; as ilhas de S. Tomé e do Principe, no recesso do Golfo de Guiné; Moçambique, entreposto natural nas viagens da India; Gôa, Damão, Diu, Macau, Timor, ali estão, — estrelados no mappa da Asia — ultimos destroços do imperio colonial portuguez, que devemos ajudar a defender, para gloria de nossa raça, da nossa lingua, e tambem para fomento do nosso commercio, condição primaria da vida internacional hodierna.

O seculo presente é o seculo da concorrência mercantil. A politica do mundo não se orienta para outro imperialismo que não seja o economico. Conquistas de territorios, sujeição de povos, solos que se povoam, immigrantes que se fixam, organizações que se traçam, guerras, motins, revoluções e reformas, tudo se agita sobre o tapete da produção, da circulação ou consumo das riquezas.

E até a moeda — a medida de todos os valores — dentro de cada paiz, soffre as reacções inelutaveis do commercio internacional.

CONFEDERAÇÃO E ECONOMICA

Para a economia politica os Povos formam uma só nação, uma só e immensa confederação, ligada pelos mais estreitos laços de solidariedade. Religiões diversas, linguas diferentes, partidos antagonicos, raças que se odeiam, odios que se transmitem de geração em geração, — nada conseguem turbar a lei de solidariedade economica, que a todos faz comprehender a identidade dos destinos humanos.

Podemos dizer que sobre a vaga de ambições e de odios, que, de quando em quando, avassala o mundo, sobrenada a communhão economica dos povos, forçando os inimigos de hontem a serem. os cooperadores. de hoje, e, porventura, os aliados de amanha.

Veja-se a confirmação desta lei de solidariedade no sucesso mais espantoso de todos os tempos — nesta cruenta, nesta inacreditavel, nesta allucinada conflagração europeá, que sacudiu o planeta inteiro com os mesmos abalos formidaveis com que o vulcão chileno acaba de encher de luto e de dor a gloriosa nação irman, repercutindo nos pontos mais afastados da terra.

Deposta apenas as armas, e ainda não bem ocupadas as terras reconquistadas ao inimigo, impoz-se a ingente tarefa de sustentar-lhe as industrias e o commercio, afim de se lhe possibilitarem as reparações de guerra.

Verdade é que a França a Inglaterra, e os Estados Unidos não comprehenderam bem ainda a necessidade de cooperar com a Allemanha para o seu reerguimento mercantil e industrial, e as medidas, tomadas a medo, entorpecem os vencidos, sem trazer vantagens aos vencedores.

E' que os aliados de hontem oscilam entre os dois sentimentos — o de vencedores e o de cooperadores economicos. Mas, não nutrimos du-

vidas de que a cooperação, a solidariedade económica predominarão sobre os sentimentos bellicosos e destruidores.

Como se dará este predomínio? Quanto tempo levarão ainda os estadistas, e a opinião publica, que hoje os transvia e os cega, ou ainda lhes tolhe todo o prestigio e toda a força, — quanto tempo tomarão para comprehenderem plenamente que toda a guerra é lesiva ao interesse colectivo porque perturba o livre intercurso economico; e que é mais efficaz vencer pelo commercio do que pela explosão bruta das granadas e dos asphixiantes?

Desgraçadamente, parece que a humanidade se não mostra inclinada a comprehender, em sua extrema simplicidade, estes conceitos, e que muitos seculos decorrerão ainda, sem que a justiça internacional illumine todos os recantos do mundo como a justiça de cada Estado esclarece e alumia todos os angulos do seu territorio.

Emquanto este sol de justiça não raiar no horizonte da civilisação, ha de ser necessaria a base militar das nações para apoiar as expansões do seu commercio, da sua agricultura, e da sua industria.

A BACIA DO ATLANTICO

Incontestavelmente, os povos, melhor collocados sob o ponto de vista economico, são os da imensa bacia do Atlantico, em cujas aguas se vae desenvolver a civilisação do mundo, como até á época dos grandes descobrimentos se expandiu no Mediterraneo.

A Italia, criando o direito e impondo a organisação do Estado e da familia a todos os povos occidentaes; a Iberia, abrindo as azas de suas naus descobridoras, fazendo surgir do mar tenebroso os novos continentes e as novas ilhas, e circumnavegando o mundo pela gloria de Magalhães, de Gama, de Colombo e de Cabral, assentaram para sempre, na historia do mundo, o ideal de paz, de ordem, e de commercio livre, que as guia.

Por assim dizer, ao genio latino cabem as reivindicações mais alevantadas do commercio livre: á Italia, abrindo, na Renascença, as portas mercantis do Oriente: Portugal e Hespanha, velejando as suas naus intemeratas em busca de sonhados paizes miraculosos. Não é sem alta significação para o pensamento latino que ao genio de Colombo confiaram os reis de Castella a tarefa de devassar novos mundos, e que, nestes, o genio dos filhos da Iberia se tenha fundido com o labor fecundo da progenie italiana. Mas, emquanto não surge a hora de justiça internacional, só possível, como alvitrou Novicow, pela federação da Europa e da America, realisemos nós uma aproximação politica, mais intima, com o velho Portugal, a reflorir na gloria do Brasil, como o Brasil se retempera sempre na historia portugueza, e nos lidimos exemplos de heroismo e de fé que ella guarda como um escriptorio.

A união das nações ibericas, isto é, de Portugal e da Hespanha de um lado, e das nações sul-americanas, de outro, a geographia, a politica, a anthropologia, e a historia, nol-a estão inculcando.

FACTOS GEOGRAPHICOS E POLITICOS

A geographia, com a demonstração de que é mister constituir um grande continente com duas linguas irmans, que se podem considerar simples variantes, pois não ha outras duas tão similares na face da terra; e ainda estreitar, pela viação fluvial, maritima, e terrestre, as zonas que tudo produzem.

A politica, testificando que é urgente consti-

tuirmos um nucleo de resistencia ibero-americana, que se contraponha, de um lado, ao nucleo anglo-saxonico, de outro ao panslavismo, e de outro ainda ao colosso nipponico, que ameaça estender seus galfarros dominadores sobre a idealistica America Meridional.

A anthropologia, porque, no fundo do scenario politico-economico, ha uma luta ou uma cooperação de raças, pois cada raça tem a sua vocação na historia das conquistas humanas, e a da raça latina é a paz e a justiça internacional, através do commercio.

FACTORES HISTORICOS

A historia, porque nos demonstra que, em todos os tempos, tenderam as nações sul-americanas para a união e a fraternidade de seus ideais, desde as épocas tão proximas, mas já lendarias em que Bolivar e San Martin pregaram a «Liga das Nações Americanas», até as inesqueciveis manifestações de amizade e sympathia ao Brasil, no recente Centenario.

Foi assim que San Martin, depois de haver lutado pela Independencia da Patria Argentina, e pela do Chile, ao partir para a campanha pela Independencia do Perú, em 1818, falou na «Federação Perpetua» dos novos Estados, a qual lhes asseguraria a Independencia por meio de um Congresso Central.

Foi assim que Bolivar, o libertador, escrevendo de Lima, a 7 de Dezembro de 1824, dois dias antes da batalha de Aycucho, que definitivamente consagrou a independencia da America hespanhola, convidou as republicas do continente a mandar representantes ao Isthmo do Panamá, para o fim de celebrar uma assembléa geral, Congresso de Plenipotenciarios, para aconselhar nos momentos de grave emergencia; servir de ponto de contacto nos perigos communs; interpretar fielmente os tratados inter-continetaes, e regular as divergencias entre as nações.

Foi assim que nasceu o Congresso do Panamá em 1826, a que se apresentaram a Colombia, a America Central, o Perú e o Mexico, e delle a «União, Liga e Perpetua Confederação», cujas funcções de paz e de guerra, de alliança e de cooperação, eram mais elevadas, mais singelas, e certamente mais sinceras do que o famoso pacto da Liga das Nações.

Foi assim que se reuniram o primeiro Congresso de Lima, de 1847, e o segundo Congresso de Lima, de 1864, do qual resultou um «Tratado de Alliança e Defeza».

Dir-se-á que essas obras não resistiram aos embates da realidade, e que figuram na historia dos povos americanos, como ensaios falhos e mal definidos.

Responderemos que esta observação se contenta com a superficie dos factos. Porque na historia dos povos os decennios correspondem aos dias, na biographia individual, e assim estes sucessos datam de hontem, e ainda não medram os resultados que trazem no bojo.

A identidade dos destinos historicos, a semelhança das linguas, a communhão dos interesses, os ideaes de justiça e de paz, cimentam uma alliança natural entre os povos da America do Sul — nascidos livres, e consequentemente horrosados ante o espectáculo da espoliação e da força: com immensos territorios inexplorados, e portanto, sem ambições imperialistas; formados nas lutas pela independencia, e portanto conhecedores do despotismo e do inestimavel valor da liberdade.

Ao concerto das aspirações sul-americanas

Segue na pag. 80

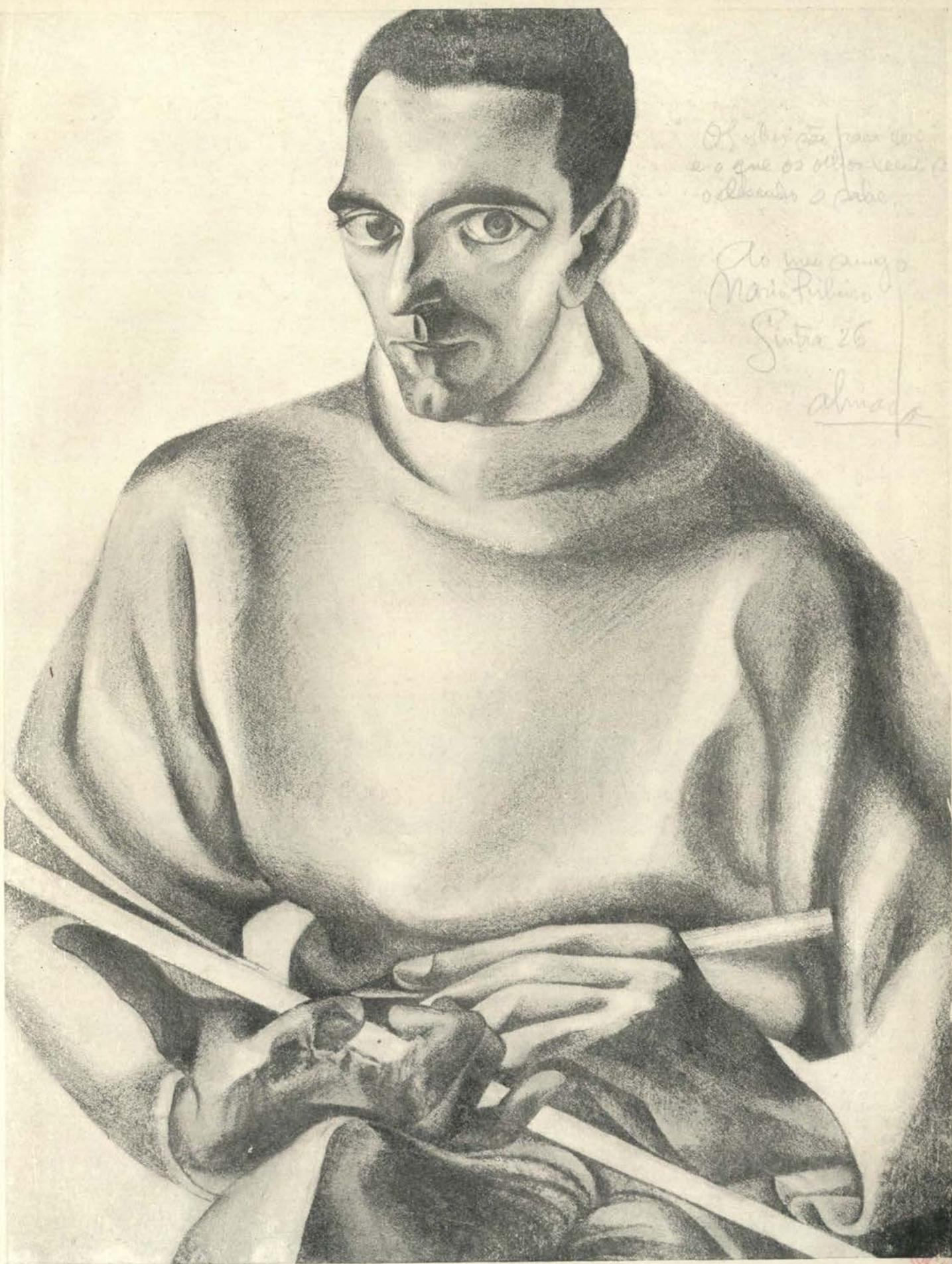
I N S O N I A

Dentro da minha cabeça
Alucinados meninos
Cabriolam, fazem pinos,
Para que eu não adormeça.

Ha comboios pequeninos,
Um paquete que regressa . . .
E um avião que se apressa
Para mais altos destinos.

Sinos de prata badalam;
Silvam sirenes e apitos;
Farois, ao longe, sinalam.

Muda-se o quarto em aquario . . .
— E eu, já doido, salto aos gritos
Para cima dum armario!



Deu-se para ver
e o que os olhos veem
colocados o saber

Do meu amigo
Mario Ribeiro
Junho 26

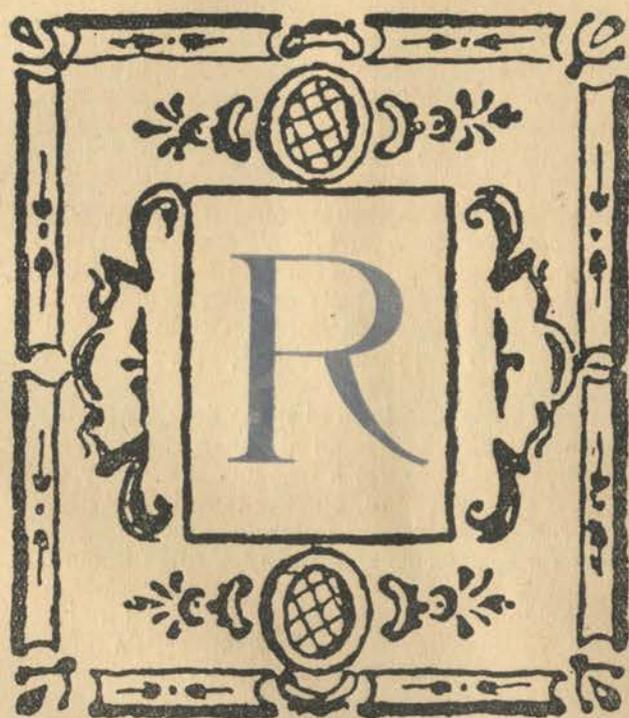
almada

Collecção
N. 2 3ª Série

ALMADA
"AUTO-RETRATO"
Pertence à galeria
do Ex.^{mo} Sr. Mario Ribeiro

AUGUSTO STRINDBERG

EL VIAJE DE PEDRO EL AFORTUNADO



ECUERDO que a raíz de la muerte del eminente dramaturgo y psicólogo septentrional, Augusto Strindberg, ocurrida en Stokolmo el 14 de Marzo de 1912, publiqué en la revista «Bohemia», de la Habana, una breve biografía del ilustre sueco desaparecido, que el aislamiento doloroso en que viven muchas repúblicas de Latino-América de la actividad cultural de Escandinavia, obtuvo como único comentario por la ineptitud crítica de muchos, que no debía merecer los elogios que le tributaba por no habersele otorgado nunca el Premio Nobel. Con razón, ó sin ella, está muy generalizada la creencia de que el Premio Nobel se prodiga a cuantos escritores en la nórdica península alcanzan cierta renombre aunque el positivo valor de su obra no interese a la humanidad, ni señale para el arte literario ningún nuevo derrotero. Seguramente se habrá abandonado ese prejuicio en el caso de Strindberg,

aceptándosele como una figura extraordinaria de las letras, al divulgarse en castellano, merced a los afanes del Ministro español Sr. Mitjana, la leyenda de *El viaje de Pedro, el Afortunado*, que desde hace más de cuarenta años se representa en todas las Noches Buenas de Suecia, y que con escrupulosidad vertió a nuestro idioma; labor de difusión que mas tardehan continuado otros, como el Sr. García Mercadal, publicando *A orillas del mar libre*.

No se sabe, en ocasiones, si la propia vida de Strindberg, tan agitada y rebelde, es superior a muchas de sus obras; pero se acredita siempre la fuerza de un carácter apasionado cuya inquietud dió origen a la belleza y al atrevimiento de sus ideas. Hijo de un armador de buques y de una sirvienta, nació Strindberg en la Capital del reino sueco el 22 de Enero de 1849 y bajo la protección del Rey Carlos cursó estudios en el Liceo de Stokolmo y en la universidad Upsala, hasta doctorar-se en Filosofía y Letras. En los primeros azares de su existencia desempeñó cátedras de enseñanza, fué periodista de oposición, bibliotecario y comparsa de teatros. Circuns-

tancias imprevistas le obligaron a buscar el sustento en una ú otra forma y una vocación desmedida por el arte de Talía, en que puso toda su confianza para alcanzar la gloria, hizole bregar incansablemente con una decisión heroica que sabía vencer las fatigas de los fracasos iniciales y la crítica acerba de sus opositores.

A los veinte y tres años había escrito ya: «El librepensador», «Hermione», «El paria», y sufría la desilusión de ver rechazada, como demasiado atrevida, la primera de sus grandes obras maestras, la hermosa tragedia «Master Olof» que mantiene en el telar y refunde hasta cinco veces antes del año 1876.

Desde entonces, las cuestiones palpitantes de la vida moderna, los arduos problemas que la psicología racionalista plantea, tratolos Strindberg bajo forma dramática y de un modo verdaderamente trágico. Ningun hecho, ninguna predisposición social escapó a sus acres diatribas, ni a sus crueles juicios; destruíó con el afán de un rebelde revolucionario y el ímpetu mismo de un viento demoleedor Su labor fué continua y fecunda; la lista completa de sus producciones de todas índoles, resultaría interminable. Sobresalen entre ellas: la comedia «Año 1848»; «Ecos de Fjardingen y de Svartbackan» — dos barrios de Upsala donde observa la vida estudiantil; — «El cuarto rojo» — en que describe el ambiente literario de Stockolmo; — «Los habitantes de Hemsoe»; «Utopías realizadas», — se nota la influencia de Rousseau; — «El nuevo reino», cuya aparición suscitó tal escándalo que se vió precisado a marchar al extranjero; «Casados»; «La Señorita Julia», «Las Marias», — historias matrimoniales; — «Los acreedores», «El misterio del Gremio», «La esposa del Sr. Bengt», el drama satírico «Las llaves del cielo»; «El vínculo», — historia de uno de sus tres divorcios; — «Hacia Damasco», — drama; — «Gustavo Waza», Erick XIV», «La sogá de los Forkunger», «Gustavo Adolfo» y «La Reina Cristina», — episodios históricos llevados a la escena; — «En apelación», «La noche de San Juan», «El solitario», «El libro azul», — donde expone su filosofía espiritualista y deísmo indeterminado; — «El cuarto gótico» y «Estandartes negros», en las que el autor afirma su odio vehemente contra la hipocresía moderna y el espíritu estrecho y limitado de la sociedad sueca, «El infierno», que explica los detalles de una enfermedad nerviosa que contrajo a causa de su infelicidad conyugal y que los alienistas declaran documento precioso. Cultivó con gran afán los estudios históricos y sociológicos, enalteciendo siempre los anales de su patria y obteniendo el honor de que se leyeran sus trabajos en la Academia de Inscripciones y Bellas Letras de Paris. A tales especulaciones responden sus libros: «Estudio sobre la historia de la civilización», «El pueblo sueco», «Viejo Stockolmo», «En tiempos del desastre», «Vidas y aventuras suecas».

Señalaremos especialmente, «En pleno mar» que bajo el título de «A orillas del mar libre» se ha publicado en castellano, en que representa al super-hombre perseguido por todos los infortunios y traiciones hasta llevarlo a una locura ciega y estúpida, de la que se liberta en los brazos de la inmensidad, cuando para huir de todos aquellos que destrozaron sus ilusiones primero, su decoro después, se entrega a las olas del oceano, resuelto e imperturbable en su delirio, siguiendo las rutas luminosas que las estrellas impasibles le señalan.

Strindberg era un misógino convencido; sentía honda adversión a las mujeres, motivada seguramente por las travesuras de sus dos primeras esposas, de quienes tuvo que divorciarse y por los caprichos de la artista Henriette Bosse, con quien contrajo terceras nupcias en Marzo de 1901. Condenó las tendencias feministas y aspiraba que la mujer fuera *compañera del hombre y no rival del hombre*. Fué perseguido como enemigo de toda moral en Alemania por su obra «La confesión de un loco».

Dos de las mas llamativas rarezas de Strindberg consistieron en sus profundos estudios del idioma chino, hasta conocer intimamente la tierra de Confucio, y la de consagrarse con enorme ahínco, obteniendo no despreciables resultados, a la química. Pretendía descubrir la transmutación de los metales y la fabricación del oro.

Caracterizó al genial autor de «Padre» su proteísmo exagerado, llegando a sostener opiniones diversamente opuestas y pasando a menudo de la extrema negación al extremo convencimiento. Fué cristiano, ateo, aristócrata, socialista bélico, defendió al Rey Carlos y en el apogeo de esta defensa publicó un diario, «Dageus Nyheter» para combatir la monarquía. No era una pasión; era un pensamiento. Así pueden explicarse sus dudas, sus contradicciones y sus quebrantos.

En el conjunto de sus obras domina el culto a la fuerza que aprendió de Nietzsche y el pesimismo de Hartman. En sus novelas, no pocos le encuentran alguna afinidad con Alejandro Dumas, hijo. Y como muy bien dice Gomez Carrillo, en su «Li-

teratura Extranjera», mas que a Brostrom, se parece a Ibsen, pues aunque sus ideas le obligaban a caminar por sendero opuesto al que escogió el autor de «Per Gym», siempre la esencia instintiva de su temperamento, le conducía hacia un mundo nuevo y humano.

Strindberg, que viajó bastante por Suiza, Italia, Francia, Alemania y Dinamarca, colaborando en distintos periódicos de estos países, disponía de un público inmenso que tanto sus piezas teatrales como sus novelas admiraba, y en el mercado literario esa popularidad daba inapreciable valor a sus esperadas producciones.

Era Strindberg alto, grueso, de ojos grandes, mirada noble, cabellera rubia, espesa y mal peinada; hablaba poco, con voz monótona, sin ademanes, sin gestos, sin entonación, tratando de dar a sus frases un corte lapidario y rítmico. Murió a los sesenta y tres años sin que le faltara una palabra por decir ni un pensamiento por expresar: trabajó con la paciencia de un benedictino y para caer definitivamente pidió una biblia y la apretó contra su pecho. «Todo lo que es personal debe ser abolido»: tales fueron sus últimas palabras.

Al bajar a la fosa el cuerpo robusto de aquel pensador e inclinar-se ante su ferétro las banderas nacionales en señal de luto y de respeto, en medio del pueblo descubierta, deseoso de rendir homenaje al que comprendió sus dolores y batalló por sus derechos, sus más caros discípulos recordaban con espíritu desapacible estas frases desesperantes del Maestro que resumen sus ideas definitivas: «Nada es bello; nada es moral. El Universo Filosófico no existe. Lo único que tiene sentido justo en el mundo, es la palabra NIHIL».



En la leyenda de pascuas, «El viaje de Pedro, el Afortunado», flota un sentido místico, que nada tiene que envidiar al de Maeterlink, en sus fantásticas creaciones. Sobre los bosques llenos de dríadas, sobre los lagos de cisnes milagrosos, sobre los rincones de los viejos campanarios en que conspiran los duendes, vuela su imaginación con poderosas alas y brinda una serie mágica de absurdos que esmaltan las notas complicadas y bellas de su poética inventiva.

Pedro es el hijo del campanero de una iglesia lugarena, triste y pobre. No conoce el mundo, no ha podido apreciar los dolores y las alegrías de la vida; y su viejo padre, experimentado y ducho, no quiere que salte las tapias del templo para que siempre continúe en su feliz ignorancia. Una noche de Navidad, el viejo campanero tiene la desgracia de que los ratones se coman el plato de harina con leche que todos los años dedica como aguinaldo a su gnomo protector. Molesto el duende por la falta de propina, estima como una sangrienta burla que aparezca el plato sin el condimento y jura cobrársela al caduco amigo haciendo que su hijo conozca la vida. Y Pedro, desde el campanario, por los ojillos vivos y saltones del diablejo, empieza a ver el mundo: el hogar de los felices, el palacio del poderoso y el jardín de los amores. Está aburrido del campanario y de los repiques constantes. Tiene ansias de saltar, de reír, unos enormes deseos de felicidad. El duende caprichoso, en unión del hada protectora del muchacho, le regala un anillo de encantamiento. Entonces el hijo desobedece al padre huraño, y éste, desairado, bajo el dominio de las potencias infernales, se transforma en un gato negro. Gozoso Pedro sale a recorrer mundos y a conocer la vida.

Las aventuras son múltiples e ingeniosas. Juega en el bosque al igual que los niños y conoce a Lisa, mensajera de su hada madrina, que es el Amor. Se muestra impaciente en sus ansias inauditas de gloria y de honores. Su egoísmo no se conforma con el amor, que tan fácil se le presenta. Mas que el amor quiere el oro: «El oro que sirve para todo y no sirve para nada».

Hay una transformación diabólica: Pedro surge de improviso en un salón lujosísimo donde varios criados introducen una mesa repleta de manjares suculentos y exquisitos vinos. Pero entonces Pedro experimenta los sinsabores, los tormentos de todo el que tiene dinero, el dinero que los demás codician. Pedro sufre las terribles penas de las conveniencias sociales, la mortificación de los inspectores del fisco, de los abogados, de los alguaciles, de los mayordomos, de los amigos falsos que en la opulencia nos miman y en la estrechez nos abandonan. Pedro no es feliz, y aprende en la vida que el oro no dá la felicidad. Entonces ambiciona la gloria y quiera ser reformador...

La picota y la estatua dialogan en la plaza pública, La estatua representa un

blenhechor de la ciudad: al burgomaestre que pavimentó las calles con guijarros y que desde entonces, los negocios del zapatero, del calesero y del pedicuro aumentaron notablemente. La glorificación del burgomaestre es algo oficial y solemne. Pedro llega a la ciudad y lanza un manifiesto: él es un reformador que ha de sustituir los guijarros por adoquines. Los elementos gubernamentales, las clases solventes, los amigos de las tradiciones, se indignan y mandan a Pedro a la picota. El pueblo está con Pedro; la multitud piensa sinceramente que sus ideas son laudables y que convienen los adoquines; pero la opinión de la multitud no significa nada al lado de la opinión del Dinero y del Poder. Lisa salva de la picota a Pedro y le advierte de su egoísmo perturbador y dañino. Pedro pide a su anillo mágico una nueva transformación para gozar de las alturas del Poder.

En el acto cuarto aparece el palacio donde se prepara la ceremonia de la consagración de Pedro como si fuese el Califa Omar XXVII. El mayordomo dibuja un complicado árbol genealógico que arranca de califas celeberrimos; pero es necesario que el hijo «legítimo» del campanero tenga que ser hijo «bastardo» de un guerrero noble de la antigüedad para acreditar sus derechos al trono. Pedro necesita también abjurar de su antigua y sencilla fé, cambiar de creencias, como quien cambia de calcetines, por razones de Estado. En definitiva Pedro se convence que desde el Poder no es feliz, ni consigue la felicidad de sus gobernados; y cuando le abruma la adulación de los cortesanos y se le impone como un deber oficial el casamiento con determinada princesa para evitar una guerra de tarifas aduaneras, explota en ira atropellada y arremete furioso contra los farsantes. El trono se derrumba. Los funcionarios huyen. Pedro va a mezclarse con el pueblo a ver si el Derecho y el Honor existen todavía. A la orilla del mar un filósofo solitario le explica juiciosamente lo que es el corazón humano: «Mira este músculo seco y contraído, de forma triangular, inerte y frío, que tengo en la mano. Pues hubo un tiempo en que palpité de ira y se estremeció de gozo; en que fué comprimido por el dolor y dilatado por la esperanza. Repara bien: está dividido en dos grandes secciones: en una cabe todo lo bueno que hay en la naturaleza humana; en la otra toda la maldad de los hombres; por mejor decir, en este lado mora un ángel en aquel un demonio».

Pedro vuelve a su vieja iglesia, a su amado campanario, convencido de que no existe la felicidad más que en el Amor y que es dañoso conocer la vida. Lisa está allí en el arcaico templo, ungido de paz y de silencio, porque sabe que Pedro ya no es egoísta y ahora podrá dedicarse confiado a su cariño sabio y a sus afectos tiernos. Una sombra desde el púlpito le dice: «Ningún gran deseo puede ser satisfecho por la virtud de un anillo. En la vida nada se obtiene sin trabajo. Trabaja, Pedro, y sé honrado; pero, fíjate bien: no quieras ser santo porque de la santidad pretenderás sacar vanagloria y no son nuestras virtudes sino nuestras faltas las que nos hacen hombres». «Una escoba también da su consejo: «Si no consigues ser grande, puedes ser cualquiera otra cosa; hay mucho donde escoger y en todo caso siempre se puede ser útil... aun en la peor de las hipótesis *basta ser bueno*».

Pedro y Lisa encuentran su paraíso terreno en la torre legendaria, junto a las vigas con telarañas y a los cordeles de las esquilas, sin saltar las tapias de la iglesia polvorienta, pobre y olvidada...

ANTONIO IRAIZOZ

Por motivo de doença do nosso Amigo e Colaborador, que gentilmente nos ofereceu algumas notas inéditas de Camilo Castelo Branco, só no próximo número as poderemos dar á estampa.

INVERNO



Os kalendarios mentem! Afinal
Tudo morreu... E a dança de S. Vito,
Dos ramos nús, fez-te soltar um grito
Que vibrando varou todo o cristal.

Tens surpresas, és muito desigual.
Ninguém me vê alegre nem aflito:
Indiferente, apenas acredito
Que tudo nesta vida é natural.

Já me não prende a mais festiva palma.
São manequins os sonhos que desmembro
E se dissipam nesta fria calma.

Dia de crêpes, luto de Novembro...
O fim do mundo, aqui, na minha alma.
—Já não devo sofrer porque não lembro!

GIL VAZ

DOIS POEMAS DE RA BINDRANATH TAGORE



I

Um dia, em meus dias de menino, soltei na agua verde d'um tanque, um barco de papel.

Formoso dia de Julho! Ninguem em volta, só eu em volta do meu brinquedo.

Flutuava no tanque o meu barco de papel.

No ceu azul, de repente, vi a roupagem das nuvens, veio o vento á lufa-lufa, a chuva bateu no chão.

Rolos d'agua, lôdo e agua, confusão... Afundou-se o meu barco de papel.

Julguei e com amargura, que a tempestade viera unicamente aniquilar a minha fragil felicidade, e apenas por mim e contra a mim viera.

Ainda hoje não finda aquelle dia de Julho em que o ceu enegreceu. Acode-me hoje a lembrança de que a vida não é mais do que um jogo e um brinquedo, brinquedo que se perde, jogo em que continuamente perdi.

Se maldigo a minha sorte e os revezes que sofri, lembra-me sempre o tanque verde e o barco de papel que vae ao fundo.

II

Porque segredas debilmente ao meu ouvido, Morte, Morte do meu coração?

Quando as flores se curvam pela haste e os rebanhos recolhem aos re-dis, furtivamente vens ao pé de mim, silabando em surdina palavras que eu não entendo.

E' assim que me deves cortejar e seduzir, com o opio dos murmúrios sonolentos e o frio distincto dos teus beijos, Morte, Morte do meu coração?

Haverá cerimonia de pompa para o noivado?

Não has de prender com uma grinalda, os aneis do teu cabelo escuro?

Não has de querer alguem para levar o teu estandarte á nossa frente, e não havemos do olhar o ceu em fogo, ateado pela luz vermelha dos archotes, Morte, Morte do meu coração?

Vem com os teus murmúrios de buzio, vem n'esta noite d'insonia...

Envolve-me n'um manto carmesim, prende-me bem as mãos e leva-me contigo.

Deixa a galera negra e pronta á minha porta, e os cavalos fumegantes de impaciencia.

Ergue a ponta do véu e contempla o meu rosto com orgulho, Morte, Morte do meu coração.

MARIA SALOMÉ,
TRADUZIU

A TUA BOCA

I

Nasce a manhã em teu cabelo ruivo...

Palacio de perfume e pedrarias.
E, Salomé acariciando as pomas,
As nossas línguas úngem-se de aromas
Para o baile sagrado das orgias!

II

Sol a prumo em teus seios de feérias...

Alcova ideal de sádicas sereias.
E em batalhas voluptuais, violentas,
As nossas línguas, húmidas, sangrentas,
Sorvem um mel de cálidas colmeias...

III

A tarde ajoelha no teu ventre liso...

Jardim da perfumada Berenice,
Aonde as nossas línguas incendidas
Adormecem, cansadas e doridas,
Num sonho de fantástica meiguice!

...**J**ardim da tua carne de Belkiss.

Dos poemas heráldicos
a sair no Outono:

JARDIM DAS CARICIAS

ANTONIO DE CÉRTIMA

ANTONIO FERRO



ÃO ha como separar a arte da vida, sem enfeixal-a num preconceito, que renuncia sua sinceridade, afim de tornar-a simples fórmulas de emoções subitís e peregrinas. A arte é a propria magia da vida, está em todos os seus momentos, em sua perenne mutação, bastando que o artista a sinta, pelo dom prodigioso do seu estro, para que logo se nos revele, como a libertação da materia, que se espiritualiza e tende ao mais perfeito. A tragedia do criador é essa realização, em que os materiaes fogem ás novas fórmulas, só attingidas depois do longo supplicio do genio, vencendo as contingencias que o esmagam, num circulo doloroso e incerto. A obra de arte é, portanto, uma victoria. É a victoria da concepção sobre a fórmula e a victoria de uma forma espiritual sobre a realidade em que constróe. O artista, depois de realizar, em espirito a sua obra tem de criá-la em especie, plasmando, na propria natureza, a fi-

gura irreal de sua imaginação. Sobre a pedra, ou sobre as massas, pelas palavras ou pelas imagens, com as tintas ou com os sons, que são todas coisas finitas, o artista cria a suggestão profunda de seu espirito que, mais uma vez, se liberta e, como Ariel, adeja por sobre o mundo, que domina. A tragedia da arte é o episodio dessas duas victorias. E, sendo sempre as mesmas, não se igualam nunca. Cada artista as soffre em suas dôres proprias e jamais se repetem. É que a interpretação do universo se renova deante de cada temperamento — é um segredo permanente e sempre novo, na irradiante maravilha de seu mysterio inquieto. A arte é esse depoimento pessoal de uma commoção intensa em face da grandeza da vida, que nos empolga, como uma allucinante vertigem.

A arte é a vida que se transfigura. O artista é o homem que venceu a vida, para dèlla tirar seu significado existente, além dos phenomenos naturaes, na eternidade do espirito, na sua comunicação com Deus, que é a Perfeição. A arte não procede do tempo, nem do espaço. Tudo que assim a explica, encadeia-na em preconceitos, nos quaes não póde subsistir. A arte é eterna como o espirito, refoge a todas as contingencias na sua idéalidade absoluta. O artista é um caso isolado e as feições pessoas não influem sobre o infinito de sua obra, que se liberta de todos esses entraves, pela força de sua propria expressão. As contendás florentinas, que estão na *Comedia*, não a limitam a uma obra local, porque, no fulgor da criação, ha a marca da belleza universal, que paira sobre a humanidade, seus seculos e seus costumes. Todas as categorias que classificam a arte são artificios mais ou menos engenhosos e não fixam senão caracteres exteriores, pois a essencia se perde no infinito, que exprime a vida e o universo.

Ha no mundo, na multiplicidade das fôrmas e na opulencia das forças, uma emoção profunda, que só ao artista commove. E a propria ansia da natureza para se revelar, o desejo de se comunicar, como uma melhor expressão para sua pujante energia. O mundo lhe propõe o segredo terrivel, de cujo misterio tragico e angustioso sae uma existencia mais sublime. A arte, pois, está no desejo permanente de todo o espirito que aspira compreender essa revelação do universo, quando os dados da sciencia não bastam, nem satisfazem as pesquisas dos philosophos.



O artista é sempre um caso isolado. Não ha nelle ordens estabelecidas, nem canones fixados, nem o passado envolvente, nem tampouco o preconceito do futuro. O artista é actual, isto é, traz em si o passado numa somma de aquisições inconscientes e prepara o futuro nos pendores que vai marcando. Vive o momento que passa, procurando tranfigural-o na sua emoção, para gosar inteiramente a gota de prazer e de dôr, que o destino lhe verteu nos labios. Contemplar a vida, como se nos apresenta, nos monstruosos, ou amaveis aspectos da realidade, e reproduzir as suggestões, através de seu temperamento — eis a obra do artista. Não lhe pergunteis se sente justo, ou certo, basta que sinta sinceramente e traduza com espontaneidade. A arte moderna de Antonio Ferro é esse depoimento do seu espirito, em face do mundo que passa. Sente, profundamente, o instante fugaz. «Ser de hoje, *Ser hoje!!!* Não trazer relógio, nem perguntar que horas são... *Somos a Hora!*» — exclama, num surpreendente manifesto, e affirma, aos olhos mornos de todos os burgueses (e os da arte são os de peor especie), affirma que cada qual tem de ser da hora que corre, porque o tempo não respeita, o que se faz fóra do tempo. Sua arte é uma suggestão continuada, despertando em todos os laivos e accents, nossa sensibllidade, que fére de leve, mas nunca se entrega. Deixa-nos, apenas, o motivo incompleto. Cada qual que o realize, a seu modo. Não se dá nunca, faz-se desejar, tem qualquer coisa de feminino, a volupia sensorial das mãos cariciosas, que desejam, mas não possuem... «Tem, na côr, «o seu principio, meio e fim», mas não accentúa os coloridos. Lança na téla as côres crúas, ou os tons subtis, deixando ao observador sentil-os, combinal-os, ajustal-os, completando o quadro. Lêde — por exemplo — o seu admiravel manifesto NÓS, em que, por trás de cada palavra, ha uma teoria de arte, um juizo superior, um criterio firme. No contraste e no paradoxo repontam idéas vivas, frementes, agitadas, que querem fecundar e criar, porque «a arte é uma libertação».

É certo que choca e violenta mesmo a sua linguagem de fogo. Mas ha scentelha. Deslumbra e queima. Mas, queimando, não destróe, constróe, porque a vida é uma combustão. O que desaparece é a parte má, o que tem forças se refaz, porque precisa viver. Não ha, portanto, que temer o fogo, o fogo da arte de Antonio Ferro. Póde-se discordar de seus conceitos, onde ha os excessos justificaveis dos que estão á dianteira dos movimentos. Mas, a adaptação os corrigirá, guardando a essencia.

O artista de linguagem «esbraseada», quando se trata de affirmar, que arranca, para pintar suas idéas, as tintas quentes e primarias, tem na palheta fulgente uma gamma riquissima de meio-tons, de nuances apenas indicativas, de uma suavidade realmente admiravel. O *Sermão da Montanha*, para citar uma das poesias mais caracteristicas, é de um colorido delicioso, com um encanto a palpitar na impressão que desperta. Ouçamos esta quadra:

*Ide unir os vossos labios
(Que de Deus ficarão perto)
A's chagas dos pobresinhos:
Fechal tanto labio aberto...*

Citei, muito de proposito, duas feições diversas da arte de Antonio Ferro, para mostrar que tem na sinceridade o fundo maravilhoso do seu estro. Sente é sua maneira. — «A Arte é a mentira da Vida» — elle nos diz, insinuando que o artista não deve ter o preconceito de ser fiel, porque «a Vida é a mentira da Arte.» Não julgueis que faz jogo de palavras. Damonstra, no rapido conceito, que a arte é um engano, para o artista, como a propria vida. Ha um reflexo mutuo, através do espelho de sua alma,

que, se deformar, não pôde nunca conhecer essa deformidade. A conclusão é apartar a realidade da arte. Cuide a sciencia de aferir as suas medidas e a philosophia de penetrar-lhe o sentido. Deixemos ao artista a mentira, «que é a Arte da Vida».

Antonio Ferro é dos espiritos mais fortes dos *modernos*, não pela audacia, mas pela extranha sensibilidade, realmente livre, no sentido de que das suas tintas vivas, ou suaves, surgem multiplas impressões, que vivemos a nosso prazer, porque o artista não as recortou, suggeriu apenas, para criar estados dalma. Não descreve, não analisa, não enquadra e não cataloga. Expõe motivos. Cada qual, em seu sub-consciente, que os viva. Lêde este trecho delicioso de *Leviana*, logo ao abrir o livro:

«O seu rosto era um ângulo agudo, com o ângulo indicado na bôca, uma bôca exagerada, quasi imoral... Os seus olhos eram dois gatos castanhos, de unhas afiadas... O seu olhar, por vezes, arranhava. O seu nariz — um palhaço a gritar, um palhaço desmanchado, semsaborão, ás piruêtas, num circo... Os dentes, em ossadas, esqueleticos, jaziam, em seus lábios, como em coval remexido... A sua cabeça gotejava sangue no seu corpo, como num prato de oiro....»

«Os seios de *Leviana*, inquietos, perversos, eram duas dedadas sanguineas, no muro branco do seu peito... As ancas fortes, sêcas, davam ao seu corpo um ritmo vivo, febril... As suas pernas esguias, éticas, vestidas de sêda negra, eram duas pernas descuidadas, levianas, sorridentes, a provocarem... O seu corpo amanhecete: aurora boreal dos meus sentidos!...»

Ahi o tendes. Não ha o que explicar. Sendo um artista interior, é um objectivo por excellencia, buscando tirar das coisas mais triviaes um sentido occulto e commovente, a imagem de sua emoção em frente da vida. Ai dos que não sabem ler no fundo da realidade! Para elles, a existencia será sempre invariavel e banal, monotona e dolorosa. Mas os que, á maneira de Antonio Ferro, transfiguram no seu espirito todas as sensações e tiram das apparencias costumeiras uma expansão da vida, estes multiplicarão o mundo, no infinito de sua imaginativa e criarão paraizes luminosos para compensar a miseria humana, a irremediavel contingencia da especie.

RENATO ALMEIDA

A CONTEMPORANEA, que em 1923 tomou a iniciativa da organização do primeiro Salão Português do Outono, propõe-se realizá-lo no próximo mês de Novembro. Recebeu já as adesões de Alberto Cardoso, Almada Negreiros, António da Costa, António Soares, Bernardo Marques, Eduardo Malta, Francisco Smith, Jorge Barradas, Mário Eloy, Sára Afonso e Stuart de Carvalhais.



Collecção

n.º 2, 3.ª Série

CARLOS CARNEIRO
Retrato do compositor moderno
ANTONIO CARNEIRO

S E M L V A

Na noite adormecida
Ouvem-se as notas dolentes,
Cristalinas,
Da flauta dum fakir
Na noite adormecida...

Metalicas e finas,
Ora dolentes, ora nervosas,
Perdem-se lentamente pelo espaço
Na noite adormecida...

Num languido compasso
Sonambula, dormente,
Completamente fascinada,
Oscila uma serpente,
Na noite adormecida...

OLAVO D'EÇA LEAL

LIRISMOS

A' DONA DA GRACIL CINTURA.



ENTIAM-SE a caminhar de novo pelo mesmo caminho...

Envolvia-os a noite, o sonho das colinas, o scintilar das estrelas — e o palor do luar, enlanguecedor claro, que ia estender-se, lá longe, nas aguas calmas do rio, com o dormente rebrilhar das altas constelações.

Brandamente, os seus passos acordavam lembranças...

Num odorante crescendo, como de magnolias abrindo, as recordações evolavam-se, embalsamavam a noite.

Em tudo andava a Saudade — e a vida dessa saudade dava-lhes novos desejos...

Fugiam de se escutar, diziam palavras soltas que o coração não dizia; mas, nos silencios, a sua vida intima falava como liras que soltassem, num longo bosque ao crepusculo ou ao raiar da manhã, arias, lendas, baladas dos preludios dum amor que não deixassem viver.

Erravam melancolias, suspiros de beijos não dados, e a luz nublada dos olhos humidos de magua e d'amor.

Nas brandas colinas havia curvas de seios de virgens.

O palor do luar aspargia, scintilava, tinha sensualidades de tunica de finas palhetas de prata, que velasse, desenhando, um lindo corpo dormindo.

E os sentidos despertando, num odor de medronheiros e em murmurios vagos de espuma de vagas em praia-mar, davam sonhos e emoções ao proprio pó dos caminhos.

Tudo era luz latescente, dormencias indefenidas, sonhos esparsos sonhando os sonhos que ambos sonhavam...

As suas mãos de surtilegio, vinbrateis, enlanguecidas, entristeciam sentindo-se umas das outras viúvas.

Os seios dela, pequenos, como dois pombos no ninho, arrulhavam perguntando porque não ia ele afaga-los estando tão perto deles?!

E os braços dele, desolados, não compreendiam nem queriam compreender as razões que os não deixavam apertar e vencer, na força do seu desejo até o ver desmaiar o corpo dela — tão lindo! — a balouçar, insensando como botão de rosa abrindo, num ritmo todo de amor!

Que se teria passado? O que teria feito as suas mãos, os seus corpos d'amorosos, para não poderem ir como então juntos, quase enlaçados, adivinhando-se através do estofado leve dos fatos, segredando mil segredos só dos sentidos ouvidos — e condenarem-nos, assim, á desolação e ao abandono de bôcas faltas de beijos?!

E o coração apiedado tinha revoltas e anseios — e a intelligencia e a vontade, quâse nas lutas vencidas, cediam campo á ternura...

Lá ao longe despediram-se — mas no pensamento ficaram.

A noite lembrava um lago dormente de tremulinas.

Batiam as palpebras d'oiro milhões e milhões d'estrelas.

E um caminhante passando cantou a velha toada dum par de amantes melgueiros, rescendendo a rosmaninho e ao perfume e ao enleio das quentes noites de verão — a mesma que lhes embalara, em horas d'ansia contida, promessas que nunca fizeram.

Ela tomou a toada, chamou-a a si como d'antes — e, numa brandura d'eco, a sua voz repetiu-a. E ele afastou-se, escutando-a, em evocações a scismar, cheio da simplicidade dum pobre pastor que sofresse ao ver cavar um roseiral, perfumando, todo a abrir, só para se erguer o castelo do querer dum rude senhor...

Lisboa — Janeiro — 1924.

ANTONIO DE SÉVES



Canção
de
M A R I O
de
S Á - C A R N E I R O

As grandes Horas! — vivê-las
A preço mesmo dum crime!
Só a beleza redime —
Sacrificios são novelas.

Ganhar o pão do seu dia
Com o suor do seu rosto
— Mas não ha maior desgosto
Nem ha maior vilania!

E quem fôr Grande não venha
Dizer-me que passa fome:
Nada ha que se não dome
Quando a Estrela fôr tamanha!

Nem receios nem temores,
Mesmo que sofra por nós
Quem nos faz bem. Esses dós
Impeçam os inferiores.

Os Grandes partam — dominem
Sua sorte em suas mãos:
Toldados, inuteis, vãos,
Que o seu Destino imaginem!

Nada nos pode deter:
O nosso caminho é d'Astro!
Luto — embora! — o nosso rastro,
Se pra nós Ouro ha de ser!...

Das Sête Canções do Declínio

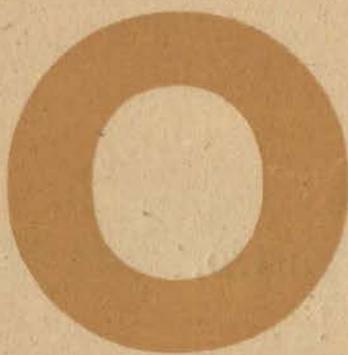


PREFACIO DE UM LIVRO QUE EU NÃO PUBLICAREI

A VALERY LARBAUD, «GRAND EUROPÉEN».

«Ma pétulante pensée jouissait de son premier âge.»

BALZAC



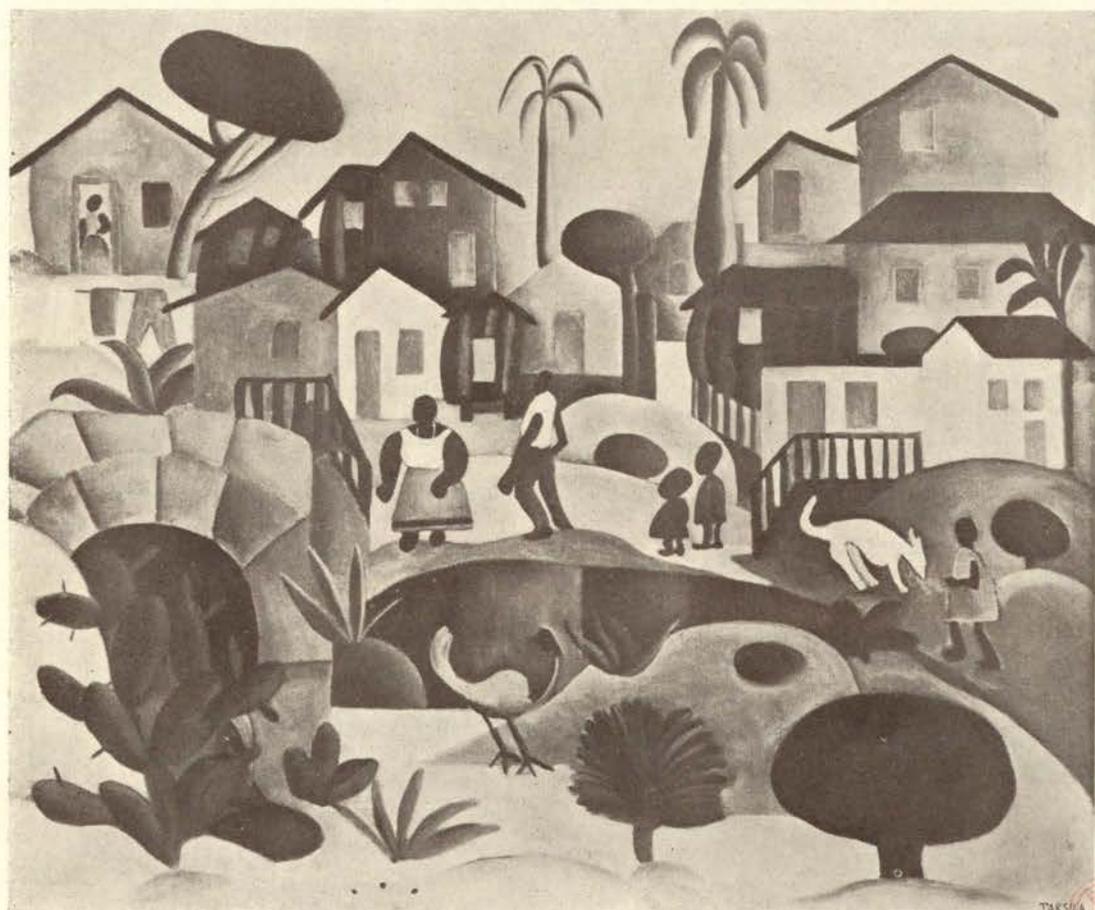
«Correio literário», que eu quiz fazer á semelhança dos franceses, teve que ser reduzido a uma simples cronica semanal. Mas este defeito não é nada ao pé dos que derivaram de mim proprio. Ao fazer, agora, o balanço destes quarenta artigos, é que eu vi bem como estão longe do que a critica deve ser.

A critica, como a historia ou como a biografia, tem que ser objectiva e impessoal. E quando os escritores subjectivos tentam, por exemplo, o genero biografico, não podem fazer, senão, esses, de resto, maravilhosos livros, que são os «Portraits imaginaires», de Walter Pater, e as «Vies imaginaires», de Marcel Schwob. São estes dois livros inferiores ás verdadeiras biografias, embora romanceadas, de um Shelley, por André Maurois, ou de um Balzac, por René Benjamin? De forma alguma. O que não são é biografias.

O mesmo se pode dizer das minhas criticas: — que o não são. Porque eu seja dotado de imaginação e fantazie sobre os livros a que me refiro? Não. Mas porque sou um egotista, um egocentrista, mesmo, e relaciono tudo commigo proprio.

Durante o periodo em que mantive essa colaboração, sofri eu as maiores transformações, ou por outra, as maiores oscilações iutelectuais, morais e, até, sentimentais. Pois todas elas deixaram a sua marca, ás vezes involuntariamente, outras vezes com um impudor cuja inconsciencia eu meço bem, agora que tenho de me confessar, e hezito em faze-lo, a um publico mais reduzido e mais seleccionado que o de um jornal de informação.

Eu seria, no entanto, injusto para commigo mesmo, se attribuisse esse facto, exclusivamente, a uma incapacidade de abstracção do meu Eu. Passado o tempo necessario á analise da minha propria obra, eu verifico que, desse periodo de critica aos mestres e aos generos literarios, um mestre e um genero conservaram, sobre todos os outros, as minhas simpatias. E que mestre! O Maurice Barrès do «culte du Moi», completado pela «sincérité envers soi-même» de Jacques Rivière.



TARSILA

Coleção

n.º 2, 3.ª Série

TARSILA DO AMARAL
"QUADRO"

E que genero! O das memorias intimas, das confissões, dos jornaes como «Les Cahiers de Malte Laurids Brigge», de Rainer Maria Rilke.

Sendo assim, eu deveria fazer, então, de preferencia, um diario em que me estudasse e me descrevesse mais á vontade. Mas se eu vivo só para a literatura! Não falo da minha literatura, como não falo da vida pratica, e sim das obras alheias e da existencia em que se pode ter atitudes estecticas, liricas ou romancescas. Mais do que um literato, eu sou um literario para quem vale mais lêr do que escrever.

Inspirar um livro, isto é, ser um motivo literario, eis o que eu trocaria, de bom grado, por todos os livros que viesse a escrever. Porque me sinto incapaz de realizar uma obra? Não, mas porque preferiria fazer literatura na vida, pela elegancia, pelo amôr ou pelo heroismo. E é tal o meu desejo de sobreviver por mim proprio, e não pela minha obra, que chego a invejar todos os que morrem em beleza. E para mim, morrer em beleza é morrer nôvo.

Eu escrevo só para defenir a mim proprio ou fazer compartilhar aos outros as impressões das minhas leituras. «Livro de um leitor» poderia eu chamar, de facto, á recolha destes artigos se a analogia entre os literatos e as cortezãs me não tivesse feito parafrasear o titulo de um livro celebre de Balzac. Mas se não fosse a associação de ideias que me sugeriu este titulo, «Esplendores e misérias da literatura», outro melhor o substituiria. Não seria «O regresso ao romantismo», titulo em que pensei por traduzir uma tendencia pessoal e que eu julgo ver desenharse no mundo. Seria «A descoberta da Europa». E foi, de facto, uma descoberta das ideias, ou seja da civilização da Europa, que eu fui fazendo, semana a semana, nestes artigos.

Dahi derivam, mesmo, as suas incoerencias e as rectificações constantes do meu pensamento, solicitado pelas mais diversas influencias literarias, politicas e, até, religiosas. Isso devia-me obrigar a fazer aqui uma «mise au point» se não fosse preciso um volume para a «Historia de uma conversão» e um ensaio de psicologia politica, ou seja «O meu depoimento» no inquerito que a futura geração terá de fazer á geração a que pertenço. Literariamente, alguém fez já, por mim, essa sintese de mim proprio, ao referir-se ao meu néo-romantismo barrèsiano.

Barrès foi, alem do meu educador, quem melhor realizou aquela critica literaria que eu chamarei de reversão pessoal e a que estes artigos se podem aparentar. Muito longiquamente, é claro, porque, feitos a correr e ao sabor das leituras, eu não pode, apezar de os destinar a volume, dar-lhes a tenção analitica e a serenidade necessarias a fazer dos autores estudados «intercesseurs» do meu Eu. Feitos com mais vagar e com mais disciplina, estes artigos poderiam ter sido o que foram para Barrès as meditações espirituais de «Un homme libre» sobre Benjamin Constant e Sainte-Beuve.

Mas deve dar-se a consagração do volume áquilo que se não soube ou não pode libertar do quotidiano? Não. O que se não soube ou não pode subtraír ao tempo, deve morrer com ele. E é por isso que eu não publicarei este livro.

JOSÉ OSORIO DE OLIVEIRA

Cantar d'Amigo



Mia léda
dona
fermosa
como a rosa
desabrochada no vergel
onde a abelha d'oiro
vae buscar o mel
e eu, o agro fel
em que me moiro.
Que bom seria o morrer
em vossa cuidança
na suave esperança
de jamais vos perder!

ANTONIO DE NAVARRO

D U E N D E

Sinto o presentir de mim
nos sentidos, lindos,
do silencio
—vindo, lindo,
para mim
no pressentimento, ali,
de mim.
Fingindo me finjo
lindo,
para mim, assim,
parecer mais lindo
e mentir muito
ao outro, sim, de mim...

ANTONIO DE NAVARRO



tem acudido o Brasil com o melhor de seu idealismo.

Vimos, no começo desta palestra, como d. João VI e d. Pedro não olhavam antipathicamente a autonomia do Brasil com tanto que o novo reino, ou o novo Imperio, se não desmembrassem da monarchia portugueza.

Por mais alto que nos fale o sentimento da Independencia, por mais endeusados que tenham sido os heroes que a implantaram, o programa politico de uma monarchia luso-americana não esteve ausente do espirito dos proprios libertadores do Brasil.

IDEIAS DE JOSÉ BONIFÁCIO

Senão vejamos em José Bonifácio, no Patriarcha da Independencia:

Sabio de gabinete, e politico militante; naturalista e homem de estado; poeta e cortesão; pastor de povos e patriota exaltado, teve José Bonifácio, no eloquente dizer de Latino Coelho, todas as fortunas que lisongeam a ambição, todas as contradicções com que se fortalece o desengano: a idolatria das multidões e a perseguição dos inimigos; o favor das corôas e a ingratição dos potentados; a estatua e o exilio.

Intelligencia privilegiada, formada em Coimbra e alargada por não sabemos quantas universidades europeas; homem de livros, que lêra no grande livro da vida; coração desinteressado, que tudo puzera ao serviço da Patria, ninguem suspeitará em José Bonifácio impatriotico lusitanismo, ninguem, como elle exerceu dominadora influencia no animo de d. Pedro e sobretudo no de d. Leopoldina.

E' que o Patriarcha personificava o equilibrio das idéas, sem exaltação, e o impulso patriotico sem cegueira. Naquelle grande e nobre coração brasilico se enflorava a velha lealdade dos filhos de Portugal.

E, no entanto, que é o que vemos? Quando no Brasil refere a idéa da Independencia, quebrando inteiramente os laços de união a Portugal, a ella se oppõe o patriarcha, partidario confesso da integridade e indivisibilidade do reino unido, Portugal e Brasil.

Quando em S. Paulo, patriotas exaltados deõem o capitão general João Carlos Augusto Oyenhausem, é José Bonifácio quem acalma o povo amotinado e repõe o governador, legitimo representante do dominio portuguez.

Longe de fomentar a revolução, annuiu apenas José Bonifácio a ella, para manter a ordem, e para que o governo retome o caminho da legalidade.

E' que ao genjo do grande estadista não convinha a completa separação de Portugal e do Brasil.

Assim foi que, sendo vice-presidente de S. Paulo, em 9 de Outubro de 1821, deu instrucções aos deputados paulistas, que partiam para as côrtes de Lisboa, afim de que se esforçassem pela integridade e indivisibilidade dos dois reinos, Portugal e Brasil.

O que parece ainda a historiadores radicaes, como a Assis Cintra, uma traição á Independencia Brasileira, não passou de sonho politico que os acontecimentos posteriores o forçaram a dissipar.

Vista sob este aspecto, a idéa dominadora de José Bonifácio se casa profundamente com a orientação de d. Pedro e de d. Leopoldina, o que mais uma vez explica as hesitações ostensivas do príncipe, e o trabalho latente do Washington brasileiro.

O grande sonho de José Bonifácio se dissipou, meus senhores, mas para reatar-se um seculo após na corrente, já hoje forte, dos que se batem pela confederação de Portugal e do Brasil, como meio seguro de affirmarmos o nosso dominio sobre o Atlantico, defendendo o nosso territorio e o nosso commercio, e retomando as aspirações gloriosas do passado.

Unidos assim os grilhões dispersos da fraternidade ibero-americana; interpretados a esta luz dos sucessos historicos que precederam e se seguiram á Independencia do Brasil, temos apontados os caminhos pelos quaes completaremos a sua obra.

Nem se diga que retrogradaremos historicamente, destruindo a mesma Independencia que tanto encarecemos, pois as duas situações historicas divergem.

O Brasil em 1822 era apenas Reino, sem a autonomia, a que aspirava, com a maior legitimidade. Portugal não aprendera ainda o perigo do seu systema de colonisação, e não fora beber á Inglaterra o programma de transigencias, que recebeu o nome de «self-government». E a previdente Gran-Bretanha, apressando-se em reconhecer-nos a Independencia, não visou outra mira senão enfraquecer o Imperio Colonial Portuguez, unico capaz de projectar sombras escuras sobre o Imperio Colonial Britanico.

A ACÇÃO DA INGLATERRA

Estudamos, os Brasileiros, a historia da nossa Independencia, tomados de sentimentos patrioticos, e as emoções do grande acontecimento nos não consentem reflectir com calma.

Ponderemos, entretanto, que a Inglaterra se professava secular amiga de Portugal, e que a intervenção de Canning, se ostensivamente consultava os interesses de uma conciliação, na realidade mais attendia aos pontos de vista britanicos.

Senão vejamos. Reunidos em Londres, Canning, como representante da Inglaterra, Neumann, da Austria, o conde de Villa Real, de Portugal, Brant, Pontes e Gameiro, do Brasil, propõe afinal Canning, na quinta conferencia, a separação total do Brasil e de Portugal.

O representante portuguez se não conforma. Canning se finge offendido, sob o pretexto de ter Portugal enviado copia de seu projecto aos gabinetes da França, da Russia, da Prussia e da Hespanha, e de haver dirigido á Europa uma especie de appello relativamente á sua contenda com o Brasil; e pouco depois annuncia a d. João VI que ia reconhecer as republicas hispano-americanas, e «não podia exceptuar o Brasil, já reconhecido pelos Estados Unidos».

Onde fôra buscar Canning a identidade de motivos para generalisar a independencia das nações hispano-americanas tambem ao Brasil, é ponto para nós muito insolavel, se quizermos consultar a amizade anglo-lusa, mas clarissimo se o vimos á luz do proposito de quebrar o Imperio Colonial Portuguez.

Sentia neste momento Canning que d. João VI lhe percebia os movimentos, e por isso lhe fez anunciar que, se Portugal não accceitasse o conselho, que lhe dava, de incumbir a sir Charles Stuart de negociar com d. Pedro, a Inglaterra abandonaria o governo lusitano em sua carreira desastrosa, e reconheceria, sem mais, a Independencia e o Imperio do Brasil.

Por mais que tal conducta nos favorecesse, não podemos desconhecer nella uma intromissão afrontosa a Portugal, em negocios de sua politica

interna, e ainda o claro proposito de quebrar o Imperio Colonial Portuguez, ao mesmo tempo que se esphacelava o Imperio Colonial Hespanhol.

A LIÇÃO DE CANNING

Sejamos reconhecidos a Canning pelos resultados que a sua acção diplomatica trouxe á causa de nossa Independencia; mas aprendamos em sua mesma lição os perigos que nos ameaçam. E agora, passados cem annos sobre aquelles factos retomemos o fio da politica que se quiz quebrar, e erijamos, não um Imperio, mas uma Confederação das duas republicas, irmans como os povos que as geraram, e que affirmem, no presente e no futuro, as aspirações de grandeza da raça e da lingua portugueza. Que o panlusitanismo, se contraponha, como uma barreira de trabalho, de justiça e de poderio mercantil e militar, a quaesquer pretensões de outros povos, que nos pretendam supprimir da face da terra. Porque a grande

verdade darwinica se mostra em toda a sua heidiondez, na vida politica dos povos: os fracos perecem e os fortes, somente, triumpham.

Não nos esqueçamos que a geographia e a historia, a politica e a anthrologia, nos estão a ensinar que o grande sonho de José Bonifacio não era um vão devaneio — mas a expressão consciente de uma grande aspiração, de dois povos, que é, ao mesmo tempo, o maior programma politico das nações que falam a lingua portugueza.

Ou, possamol-a ver de novo, falada em todos os mares, permutando os productos riquissimos do solo lusitano e brasileiro; chorando com Camões e Bilac, com Guerra Junqueiro e Castro Alves todas as dôres da patria commum e todos os anseios do coração fraterno; e possam as duas bandeiras lusa e brasilica ondear sempre ovantes em prol da paz, em prol do direito, em prol da raça indomavel que symbolisam, e cujo passado de glorias a não entorpece, antes a estimula e a sopésa para mais altas realizações e para glorias mais fulgidas.



LISBON REVISITED

(1926)

*Nada me prende a nada.
Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.
Anceio com uma angustia de fome de carne
O que não sei que seja —
Definidamente pelo indefinido...
Durmo irrequieto, e vivo num sonhar irrequieto
De quem dorme irrequieto, metade a sonhar.*

*Fecharam-me todas as portas abstractas e necessarias.
Correram cortinas de todas as hypoteses que eu poderia ver da rua.
Não ha na travessa achada o numero da porta que me deram,*

*Accordei para a mesma vida para que tinha adormecido.
Até os meus exercitos sonhados sofreram derrota.
Até os meus sonhos se sentiram falsos ao serem sonhados.
Até a vida só desejada me farta — até essa vida...*

*Compreendo a intervallos desconnexos;
Escrevo por lapsos de cansaço;
E um tedio que é até do tedio arroja-me á praia.*

*Não sei que destino ou futuro compete á minha angustia sem leme;
Não sei que ilhas do Sul impossivel aguardam-me naufrago;
Ou que palmares de litteratura me darãa ao menos um verso.*

*Não, não sei isto, nem outra cousa, nem cousa nenhuma...
E, no fundo do meu espirito, onde sonho o que sonhei,
Nos campos ultimos da alma, onde memóró sem causa
(E o passado é uma nevoa natnral de lagrimas falças),
Nas estradas e atalhos das florestas longiquas
Onde suppuz o meu ser,
Fogem desmantelados, ultimos restos
Da illusão final,
Os meus exercitos sonhados, derrotados sem ter sido,
As minhas cohortes por existir, esfaceladas em Deus.*

*Outra vez te revejo,
Cidade da minha infancia pavorosamente perdida...
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...
Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei,
E aqui tornei a voltar, e a voltar.
E aqui de novo tornei a voltar?
Ou somos, todos os Eu que estive aqui ou estiveram,
Uma série de contas-entes ligadas por um fio memoria,
Uma série de sonhos de mim de alguém de fóra de mim?*

*Outra vez te revejo,
Com o coração mais longinquo, a alma menos minha.*

*Outra vez te revejo — Lisboa e Tejo e tudo —,
Transeunte inutil de ti e de mim,
Estrangeiro aqui como em toda a parte,
Casual na vida como na alma,
Phantasma a errar em salas de recordações,
Ao ruido dos ratos e das tabuas que ranguem
No castelo maldicto de ter que viver...*

*Outra vez te revejo,
Sombra que passa atravez de sombras, e brilha
Um momento a uma luz funebre desconhecida,
E entra na noite um rastro de barco se perde
Na agua que deixa de se ouvir...*

*Outra vez te revejo,
Mas, ai, a mim não me revejo!
Partiu-se o espenho magico em que me revia identico,
E em cada fragmento fatidico vejo só um bocado de mim —
Um bocado de ti e de mim !...*

ALVARO DE CAMPOS



TARSILA DO AMARAL

Boulevard Berthier, 19. Extremo de Paris. Fortificações. Pintura que vai para a Guerra. Um atelier claro e simples, parêntesis de luz no dia negro e triste. Um almoço à brasileira, com pimentinha, pinga e caju. Blaise de Cendrars, «jongleur» de estrélas, vulcão de frases e de ideias... «La ruée vers l'or». Fernand Divoire o retratou: «Il y a perdu le bras droit: depuis il laisse flotter la manche. Il a agité cette manche vide au dessus des banquets littéraires avec des gestes de balais». Ao lado de Blaise Cendrars, Divoire, o autor de «Stratézie littéraire». Divoire, perfil sereno, ar de velha gravura: marfim e rima. Maurice Raynal o crítico severo de «L'Intransigeant». Intransigente. Guerra sem quartel a todas as receitas. Jean Barreyre, o armador de «Le Navire Aveugle», livro que tem o peso dum destino. Léonce Rosenberg, «manager» inteligente do cubismo. D. Olivia Penteado, Providência dos novos de S. Paulo, com uma trincheira de vanguarda dentro de sua casa, «Nossa Senhora», na expressão respeitosa de Oswald de Andrade e de Tarsila. Oswald! Oswald, na sua vibração continua, na sua inteligência trepidante, na sua inteligência eléctrica, no tumulto das suas imagens, das suas palavras que atropelam como automoveis, é uma cidade, uma capital, um país. Oswald é o Brasil, o Brasil que se multiplica, o Brasil enorme, o Brasil que chega até Paris. Junto de Oswald, Tarsila do Amaral, a grande pintora Brasileira, o maior pintor Brasileiro!!!!!!! (os pontos de admiração servem de arame farpado. Preparo-me para a defesa. O meu grito—eu sei—é um grito de guerra).



A cabeça de Tarsila foi a sua primeira obra. É uma cabeça recortada, nitida de linhas definidas, «les cheveux tirés en arrière». Não ha indecisões nem artificios. Ha força, a força da beleza pura. Brancusi, o apostolo das linhas, gostaria de esculpir esta cabeça, esta cabeça cheia de certeza.

Diante de Cendrars, de Divoire, de Raynal, de Rosenberg, de Barreyre, de nós todos, os quadros de Tarsila, côr do Brasil. A arte de Tarsila é a bandeira do Brasil. «Ordem e Progresso». Ordem, muita ordem. Tudo nos seus lugares, tudo perfilado, numa atitude de parada militar. Faz-se a chamada às árvore, aos moleques, aos comboios



Antonio da Costa

n.º 2, 3.ª Série

ANTONIO DA COSTA
"MULHER COM UVAS"

que estacionam deante das gares com o seu ar de brinquedos recém-nascidos... Todas as coisas respondem: «Presente!» Tudo grita, tudo grita misteriosamente, sem se mexer... Um pouco de «imagerie d'Epinal» e um pouco de escultura em madeira. Manipanso e brinquedo. A força de matiere, de acabamento, de recorte, as coisas, nos quadros de Tarsila, têm um relevo de aparição. Tarsila fará bem, na sua proxima exposição, de afixar, na sala, um cartaz com os seguintes dizeres: «E' proibido tocar nos objectos expostos». O desprezo pela anecdotia e a paixão pela forma, pelo objecto, veem-lhe de Leger. («Le bel object sans autre intention que ce qu'il est»).



Tarsila recebe influências, como todos, mas tritura-as, imediatamente, na sua personalidade. A pintura de Tarsila é de Tarsila e do Brasil. Como as avenidas de New York, os seus quadros não precisam de titulos. Podem figurar assim no catalogo: «Brasil n.º 1, Brasil n.º 2, Brasil n.º 3, etc, etc...». Tudo, tudo é Brasil: o Morro da Favela, a família cabocla, o negro adorando a pomba do Espirito Santo, a teoria dos anjos. Bandeira Amarela e verde .. Ordem e progresso... A ordem das coisas e das figuras em continencia, o progresso duma pintura nova, duma pintura reveladora universal e nacional... Como se está longe da pintura feminina e bela de Marie Laurencin, da pintura «le petit col blanc de ta robe est tout propre», pintura que eu adoro como se adora um galgo ou como se adora uma mulher. Marie Laurencin não tem patria: Marie Laurencin é de hoje. Tarsila é de hoje e é brasileira. Marie Laurencin tem individualidade. Tarsila do Amaral tem individualidade e tem raça.

Tarsila do Amaral inaugurou, ha pouco, em Paris, a sua exposição. Era facil de prever o acontecimento. Blaise de Cenrars, que não quer outra ilustradora para os seus livros, Jean Cocteau, Valery Larbaud, Rosenberg, Raynal e tantos outros, obrigaram a França a olhar para Tarsila. A França, por sua vez, obrigará o Brasil a consagrar esta grande pintora. Será, de resto, um gesto de gratidão. O Brasil, por obra e graça de Tarsila do Amaral, é um Vient-de-paraitre, um vient-de-paraitre na rue de la Boétie.

ANTONIO FERRO



ELEGIA

A la muerte de Clara d'Ellebeuse

¡Que dulce y que serena, que risueña y fragante
la mañana en que Clara d'Ellebeuse se mató!
¡Por un claro del bosque, desde el azul distante
el Pirineo agreste, el drama contempló!

Iba Clara, vestido su traje de colegio,
negra y dorada sobre la alfombra del jardín...
¡El ruiseñor tejía, inconsciente su arpégio,
mas los jacintos blancos, presintieron su fin...!

¡Oh, la gracia asustada de sus ojos de seda,
y la curva luciente del bucle de la sien!
¡Galope de recuerdos!... ¡Bancos de la alameda!
y ¡el eco tembloroso del buen Señor de "Antin"!

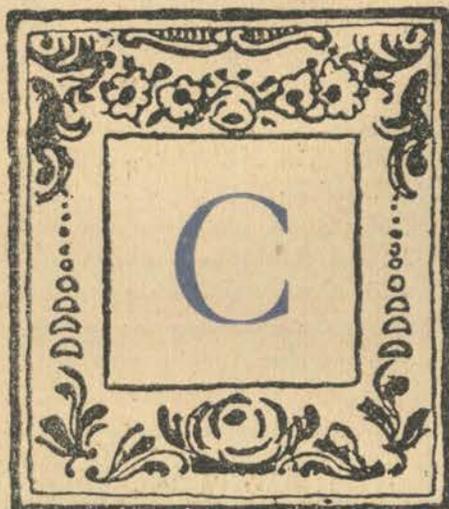
¡Y luego el cementerio, las tumbas familiares,
y la piedra de Laura, la amante tropical,
y el liquido terrible borrador de pesares
y la mano del Hado, vengadora y fatal!

En la mañana cándida se fué la primavera
de Clara d'Ellebeuse... ¡No tiembles corazón!
¡Pura como la nieve del Pirineo cimera,
voló al cielo su alma, florida de emoción

Pero, dime ¡ oh Francis! que pusiste en su mano
el laúdano implacable, ¿por qué no perdonar?
¡Cortaste a tu heroína la fiesta del verano,
y a todos nos hiciste por ella sollozar!

MARQUÉS DE QUINTANAR
CONDE DE SANTIBAÑEZ DEL RIO

FRANCISCO SANCHES



onfrontando, pari-passu, o «Quod Nihil Scitur»¹ com o «Discours de la Méthode» vemos, com surpresa, que Descartes acompanha Sanches na mais absoluta concordância renovando apenas a filosofia do nosso compatriota com uma ou outra noção original em função de complemento circunstancial de tempo.

A sistematização da obra é a mesma, o mesmo espírito doutrinário e até, muitas vezes, as mesmas frases!

O método de Francisco Sanches, padejador do dogmatismo poeirento da velha escola, é o método que deu a René Descartes o título de «fundador da filosofia racionalista moderna».

Esquecido ou mal estudado em Portugal, Sanches é o nosso pensador mais original e bem merece que o respeitem e o admirem como português notabilíssimo e não como espanhol, natural de Tuy, como se lê em várias enciclopédias ou na História da Filosofia Espanhola, de Bonilla y San Martin.

Considerado scéptico por quem se não deu ao trabalho de lê-lo, Sanches não pode ser companheiro de Montaigne, Charron ou Levayer, como pretende Weber².

Quando muito teria sido inicialmente scéptico como Sócrates ou Platão; o seu sistema não pode confundir-se com o scepticismo académico expresso nesta máxima: nada admitir senão a beneficio de inventário.

E' certo que Sanches, para estabelecer uma doutrina científica do conhecimento, partiu dum criticismo semelhante ao scepticismo sensualista de Protágoras ou de Timon, fundadores do scepticismo empirista «tipo do moderno positivismo». Para estes filósofos, porém, o scepticismo é negativista; o de Sanches é apenas provisório e leva ao positivismo: «*Não te prometo inteiramente a verdade... mas procurá-la-hei no entanto, até onde puder... Para achar a verdade teem os míseros humanos dois meios. Êsses meios são a experiência e o juizo*».

O scéptico Agrippa, mostrando o carácter de relatividade das nossas ideias e combatendo a insuficiência de todos os sistemas filosóficos, na dúvida se entreteve a negar, sistematicamente, sem construir.

Francisco Sanches não fez assim. Partiu do scepticismo, da dúvida metódica para firmar, com clareza, o critério científico moderno. Descartes completou, num ou noutro passo, o pensamento do filósofo português.

O método de que se serviu foi o mesmo e a semelhança das obras é evidente. Para prova servem êstes logares paralelos³:



«QUOD NIHIL SCITUR»

1.ª ed., LIÃO, 1581

«A poucos é dado o saber...
«Para mim não abriu a fortuna excepção. Desde o começo da minha vida que eu, dado à contemplação da Natureza, tudo prescru-tava sem descanso...»

«A princípio o meu espírito, ávido de saber, contentava-se com qualquer ali-mento que se lhe oferecia; a breve tre-cho, porém, se lhe tornou impossivel di-gerir...»

«Voltei-me então para mim próprio e, pondo tudo em dúvida como se até então nada se tivesse dito, comecei a examinar as proprias coisas: é esse o verdadeiro método de saber.»

«...Não esperes de mim um estilo ataviado e polido...»

«As belas frases convém aos retóricos, aos poetas, aos aulicos, aos namorados... para os quais o falar bem é um fim...»

A ideia fundamental do sistema de Sanches, encontra-se assim reproduzida e desenvolvida na primeira e segunda parte do «Discours de la Méthode» com nobre-cente fidelidade.

Na sua especulação crítica Sanches pretendeu fixar as relações entre o espirito e a matéria e, para resolver esta questão, indispensável se tornava conciliar a razão com a experiência. Êstes meios ficaram devidamente consignados por Sanches que os prefixou e constituíram o maior título de glória de Descartes.

O verdadeiro fundador da filosofia racionalista moderna não é René Descartes mas Francisco Sanches ⁴.



«DISCOURS DE LA MÉTHODE»

1. ed., LEYDE, 1637

«P our moi, je n'ai jamais présumé que mon esprit fût en rien plus parfait que ceux du commun; même j'ai souvent souhaité d'avoir la pensée aussi prompte...»

«... Mais après que j'eus employé quelques années à étudier ainsi dans le grand livre du monde et à tâcher d'acquérir quelque expérience, je pris un jour résolution d'étudier aussi en moi même et d'employer toutes les forces de mon esprit à choisir les chemins que je devais suivre...»

«... J'estimais fort l'Éloquence, et j'étais amoureux de la poésie; mais je pensais que l'une et l'autre étaient des dons de l'esprit, plutôt que des fruits de l'étude. Ceux qui ont le raisonnement le plus fort et qui digèrent le mieux leurs pensées... peuvent toujours le mieux persuader ce qu'ils proposent...»

LUÍS DE CASTRO NORTON DE MATTOS

¹ Vid. meu art. publicado no n.º 1 (3.ª série) desta revista.

² Histoire de la Philosophie Européenne, Paris, 1914, pag. 251.

³ Vid. Discours de la Méthode, texte et commentaire par E. GILSON, Paris, 1925.

⁴ Para outro logar reservamos o desenvolvimento desta tese, grosso modo, esboçada.

Uma Carta Inédita de Mario de Sá-Carneiro em que se prova a sem razão dos que pretenderam diminuir as relações entre o Artista e a pessoa de seu Pai

Meu querido amigo

Paris, 19 novembro de 1915

Reciبي hontem o seu postal que de todo o coração agradeço. Orala se realize a linda esperança que nele esboça. Que gloria: Você em Paris! Precisava tanto duma alma, tanto... E sei só de três: Você, o Pessôa e o Franco. Aqui — irrisão suprema, nunca lho disse até por vergonha — só possa falar ao Fernando da Camara!!! O E. da C. o tipo completo da "aurea mediocridade" — isto é: do patife, do grande patife, chizca: embora homem sensato e, publicamente, sem uma mancha...

Agora tambem estou ás vezes com o Jorge Fernandes. É um pobre diabo, mas bom rapaz — ao menos... Você pode bem avaliar a temivel solidão do meu espirito e a ansia dourada com que o abraçaria, meu querido José Pacheco! Ah! que desejo de ter ao meu lado alguém que fale a minha lingua... Faça o impossivel, meu amigo — por mim, pelo Franco e por você!! Que sonho podermo-nos juntar aqui os três! Mas tenho sempre tão pouca sorte, correm-me até neste momento as coisas tão mal, tão mal que não creio que me possa succeder tão grande felicidade.

Isto uão são declarações de amor — mas tenho tanta necessidade de lhe dizer, tanta: — Meu querido José Pacheco, como gosto de si!

É o mesmo que nas minhas cartas, infantilmente, eu digo ao meu Pai — porque o meu Pai é outra "criatura adoravel" outra criatura "como vocês". E esta frase tosca de "criatura adoravel" é na verdade aquela que melhor significa o que eu quero exprimir.

Perdoe-me tudo isto — mas ando tão iriste, tão desolado. Que vontade imensa de chorar! Não julgue que isto é literatura ou pessimismo barato. É assim tal e qual.

Mas não quero importuna-lo mais com as minhas míguas. Perdoe-me — repito — este desabafo. É uma illusão de estar na sua querida companhia...

— A Georgette foi ontem procurar-me. Não me encontrando deixou dito que voltaria hoje. Assim aconteceu. Contou-me que recebera uma carta do meu amigo dizendo-lhe que o Franco estava já no meu hotel — e vinha dizer-lhe "bon jour". Perguntou-me o que sabia do Franco. Eu disse-lhe o que sei e é só o que já comuniquei ao meu amigo: que ele me escreveu ha 12 dias dizendo que devia vir em licença por todo este mês. Falei largamente com a rapariga que achei deveras interessante na sua conversa — salamos de literatura. Mostrei-lhe os meus livros e o "Orfeu" fazendo ressaltar as suas capas da Dispersão, Ceu em Fôgo e Orfeu que ela achou muito belas ainda que muito, muito estranhas. Emfim passei hora e meia muito agradável. Ela disse-me que lhe ia escrever amanhã.

— Uma prova de que o C. Ferreira é bom rapaz: sabendo da existencia do Franco, por eu lhe ter falado nêle, foi ter com o Xavier de Carvalho por este estar encarregado de distribuir fundos de festas e donativos que tem em seu poder, para os voluntarios portugueses. Assim o Franco receberá uns milreís quando vier a Paris — o que não aconteceria se não fosse o cuidado expontaneo de C. Ferreira pois o X. de Carvalho ignorava por completo — como toda a gente — a existencia dum voluntario português Carlos Franco.

— É tudo quanto por hoje lhe tenho a dizer, meu amigo. Suplicava-lhe encarecidamente, como um Desejo inestimavel, que o mais breve possivel me accusasse a recepção desta carta. Faça um esforço — um simples postal. Faz-me tão bem receber noticias suas! Tenha dó de mim! Estar em Paris, por glorioso que seja, é apenas uma compensação para a minha tristeza.

Um grande abraço com toda a minha alma.

O seu, seu

Mario de Sá-Carneiro

I N F A N T E

V

Senhor! Sou bem do meu sec'lo e teu filho!
Sei lá dos erros, — c'mo as uvas p'las vinhas . . .
Sei, que as dores que canto são as minhas;
— que ha rosas p'los caminhos que não trilho.

Louvo a vida, Senhor! Melhor não tinhas
filho do teu orgulho, que partilho
na fome de Beleza, a que me humilho;
no travo de alegrias, que são minhas.

Rico de enganos, preso em meus escolhos,
no silencio dos dias sem perfume
ganho bem a alegria dos meus olhos!

Reflori, sonhos meus! na dura lida!
Façamos com a dôr, sem um queixume,
as guirlandas formosas desta vida!

LUÍS DE MONTALVOR

NOTA — O soneto intitulado «Infante»,
com o numero V, aqui publicado, faz
parte de uma serie de 10 sonetos
intitulados «Infante», dos quaes a
«Contemporanea» já publicou os
quatro primeiros.

JULHO

Pequena

Morena

Juro que a tua carne é loira ao sol

E o sol parece que estoira

No ceu azul...

Areias d'oiro

A praia é grande

Nela se expande

Uma luxuria venenosa, estival

Respira

Transpira

A carne virgem ao sol

Sou antropofago em vertigem

Quero morder... alem.

Sem rodeios

Dois seios

Que andam num vaivem.

Mez de Julho! Mez de Julho!

A carne é loira

O sol parece que estoira!



T A R D E

A Antonio Alves Martins

Ardente, morna, a tarde que calcina,
como em quadrante a sombra que descora,
morre — baixo relevo que domina —
e'mo um sol que sobre saibros se demora.

Inunda a terra a vaga de ouro: fina
chuva de sonho. Paira, ao longe, e chora,
o olhar errado para o sol que se inclina
sobre as palmeiras que o deserto implora.

A um zodiaco de fogo a tarde abraza,
em terra de verão que o olhar esmalta.
— Stagnante plaino de ouro e rosas — vasa
nele a sombra, sem dôr, que em nós começa
e galga, sobe, monta, e vive e exalta.
E a noite, a grande noite, recomeça.

LUIZ DE MONTALVOR

V i d a !

Scismo ás vezes nas vidas ignoradas
que existem pelo mundo, nessas vidas
sem tragedia nem farça — vis, sumidas,
banaes, de creaturas apagadas

Mulheres que não foram nunca amadas,
tristes — feias sem noivo, resequidas,
orfãs por indiferentes recolhidas,
raparigas doentes e isoladas,

Mães sem filhos, velhinhas, sem netos...
As que ignoram os beijos e es afétos;
vidas mortas sem penas nem prazêr

Das que ignoram os risos e o amôr...
— E scismo, revoltada, no horrôr
das vidas que se gastam sem vivêr!

MARIA FELIPPE DE VILHENA
1926

Um Preludio de Chopin

“DU SANG DE LA VOLUPTÉ ET DE LA MORT”

Morfinisa-me a alma... Insidiosa
entre em mim, raspa, irrita uma ferida
que existia no intimo escondida
a musica sombria e venenosa.

Não toques mais! Fico perdida, anciosa,
e quero qualquer coisa indefinida
que nem sei se é impulso alto de vida
se um desejo de morte dolorosa!

Mais não, por Deus! Já basta p'ra tormento
o veneno do proprio pensamento...
Somos tão pouco — e têmos dentro um mundo!

Vivem dentro de nós coisas tão estranhas,
obscuras, complicadas e tamanhas
que eu tenho medo, crê, de vêr-me o fundo...

Res
2758



tem a honra de recomendar a V. Ex.^a a revista CONTEMPORANEA, solicitando que lhe dispense a sua protecção inscrevendo-se como assinante, para o que bastará preencher o Boletim respectivo.

Edmundo
grande
revista
mensal

BOLETIM DE ASSINATURA



1.....
deseja assinar a revista CONTEMPORANEA.
A revista deverá ser-lhe entregue n.....²
..... e a cobrança
efectuar-se-á pelo correio n.....³
.....
..... de de 192.....

4.....

-
- 1 — Nome do assinante.
 - 2 — Local onde deve ser feita a entrega da revista.
 - 3 — Local onde deve ser feita a cobrança da assinatura.
 - 4 — Assinatura do assinante.

NOTA — O pagamento será feito por cada número entregue no acto da entrega.

Contemporanea

grande
revista
mensal

BOULEVARD DE ASSINATURA

Assinatura do Sr. Doutor Doutor Doutor
Assinatura do Sr. Doutor Doutor Doutor
Assinatura do Sr. Doutor Doutor Doutor
Assinatura do Sr. Doutor Doutor Doutor

193

Assinatura do Sr. Doutor Doutor Doutor
Assinatura do Sr. Doutor Doutor Doutor
Assinatura do Sr. Doutor Doutor Doutor
Assinatura do Sr. Doutor Doutor Doutor

Assinatura do Sr. Doutor Doutor Doutor

CONTEMPORANEA

REVISTA MENSAL

JUNHO-1926

Director: JOSÉ PACHECO

Editor: GIL VAZ

CORRESPONDENTE NO BRASIL:

Madame Olívia Penteado

CORRESPONDENTE EM ESPANHA:

Conde de Santibañez del Río

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

T. do Fala-Só, 24 — LISBOA

(Toda a colaboração é solicitada pela CONTEMPORANEA)

3.ª SÉRIE

N.º 2

SUMÁRIO

JORNAL: Um trecho, de Ramalho Ortigão;

OS NOVOS, excerpto de uma entrevista dada ao «Diário de Notícias» pelo coronel José Vicente de Freitas, Presidente da Comissão Executiva da Câmara Municipal de Lisboa;

NOTAS, da Realacção;

O IBERO-AMERICANISMO, depoimentos que em Portugal o justificam: do General Gomes da Costa e do Comandante Mendes Cabeçadas.

REVISTA: OS PRIMEIROS, pelo dr. Celestino Soares;

MA CANTIGA EM VILANCETE, por António Botto;

APROXIMAÇÃO IBERO-AMERICANA. O QUE DEVE O BRASIL FAZER PARA COMPLETAR A SUA INDEPENDÊNCIA, pelo dr. Spencer Vampré — Professor da Universidade de S. Paulo.

INSÓNIA, por Carlos Queiroz;

ALMADA, último auto-retrato (da colecção do Ex.^{mo} Sr. Mário Ribeiro).

AUGUSTO STRINDBERG, EL VIAJE DE PEDRO EL AFORTUNADO, por Antonio Iraizoz, Ministro de Cuba em Lisboa;

INVERNO, por Gil Vaz;

DOIS POEMAS DE RABINDRANATH TAGORE, tradução de Maria Salomé.

A TUA BOCA, por António de Cértima;

ANTÓNIO FERRO, por Renato Almeida;

CARLOS CARNEIRO, retrato do compositor António Carneiro.

SELVA, por Olayo de Eça Leal;

LIRISMOS, pelo dr. António de Séves, advogado;

CANÇÃO, de Mário de Sá-Carneiro †;

PREFÁCIO DE UM LIVRO QUE EU NÃO PUBLICAREI, por José Osório de Oliveira;

TARSILA DO AMARAL, quadro.

CANTAR DE AMIGO e DUENDE, por António de Navarro;

LISBON REVISITED (1926), por Álvaro de Campos;

TARSILA DO AMARAL, por António Ferro;

ANTÓNIO DA COSTA, Mulher com cachó de uvas.

ELEGIA, pelo Marquês de Quintanar, Conde de Santibañez del Río;

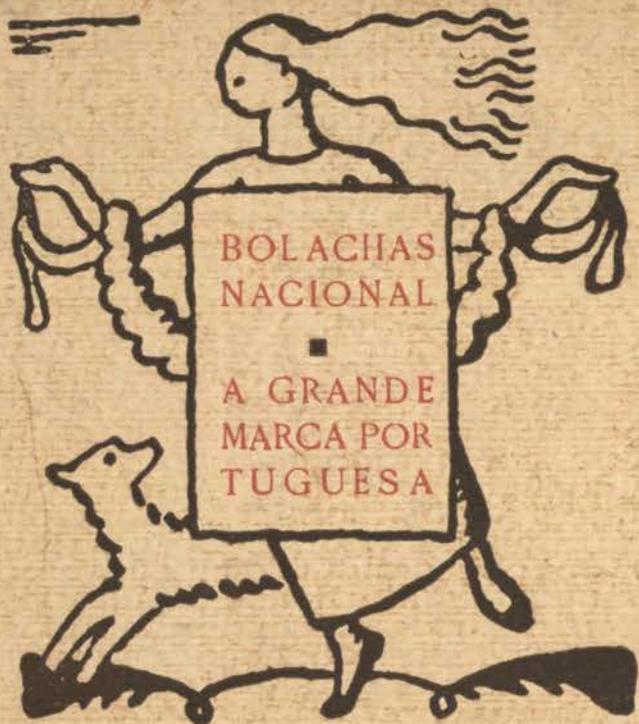
FRANCISCO SANCHES, pelo dr. Luís Norton de Matos, advogado;

UMA CARTA INÉDITA de Mário de Sá-Carneiro †;

INFANTE, por Luís de Montalvor;

JULHO, por Gil Vaz;

TARDE, por Luís de Montalvor.



BOLACHAS
NACIONAL

■
A GRANDE
MARCA POR
TUGUESA